

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

## LOCAIS (todos na Universidade Federal do Pará, Campus Guamá)

ASB-1:	Auditório Setorial Básico I
ASB-2:	Auditório Setorial Básico II
CEBN-A:	Auditório do Centro de Eventos Benedito Nunes
CEBN-H:	Hall do Centro de Eventos Benedito Nunes
PPGL-T:	Hall do prédio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), térreo
PPGL-1+2:	Hall do prédio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), 1º e 2º andar
PPGL-A:	Auditório do prédio do Programa de Pós-Graduação em Letras

## PROGRAMAÇÃO GERAL

### TERÇA-FEIRA, DIA 22 / NOV / 2022

Horário / Local	Atividade
08:30h – 12:00h CEBD-H	<b>Credenciamento</b>
09:00h – 10:15h CEBD-A	<b>Mesa de Abertura</b> Com participação de dirigentes das instituições organizadoras (UFPA, MPEG, ABRALIN), representante da Área de Linguística da CAPES. Representantes de discentes indígenas do PPGL/UFPA e PPGDS / MPEG: doutoranda Marcia Kambeba e mestranda Veraneize Souza dos Anjos.
10:15h – 10:30h	<b>Intervalo</b>
10:30h – 12:00h CEBD-A	<b>Conferência</b> “ <i>Década Internacional das Línguas Indígenas (IDIL 2022-2032): Nada para nós sem nós</i> ” – Dra. Altaci Rubim (povo Kokama & Universidade de Brasília; representante dos povos indígenas da América Latina e Caribe no GT mundial da Unesco para a década das línguas indígenas).
12:00h – 14:00h	<b>Intervalo (almoço)</b>
14:00h – 16:00h ASB-1, ASB-2	<b>Sessões de Comunicação Oral</b> (ver programação das sessões orais)
16:00h – 16:30h PPGL-T	<b>Intervalo (coffeebreak)</b>
16:30h – 17:30h	<b>Roda de Conversa</b>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VIVA ≃ LÍNGUA ≃ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

ASB-1

### ***“Experiências e projetos de revitalização pelo Brasil e pelo mundo”***

*Esta roda de conversa terá como base três relatos, a partir dos quais teremos oportunidade de trocar experiências.*

Mário de Oliveira Neto: *(Re)aprender a Língua Puruborá: Questão de Resistência*

Para nós, o povo Puruborá, a língua é umas das partes integrantes da nossa cultura que estava quase dizimada por décadas de proibição e outras formas de desvalorização. Reaprender a língua trouxe para nosso povo a força para uma nova resistência, através desse resgate que estamos fazendo com o aprendizado de nossa língua materna indígena. Isso fez com que a nossa identidade se fortalecesse ainda mais na luta por nossos direitos originários e reconhecimento como povo Puruborá perante os não-índios, principalmente da nossa região. Reaprender nossa língua não está sendo fácil pois a maioria dos nossos anciãos já *bike wabâj* e já não lembram muito pois estão velhos, além de não morarem na aldeia, pois não temos território demarcado ainda, mas mesmo assim estamos conseguindo fazer esse resgate e retomada no âmbito formal.

Marcilene Tembê / Gecy Tembê: *Processo de Retomada da Língua Tembê: Uma Experiência de Parceria e Solidariedade entre os Indígenas Tembê do Guamá e do Gurupí*

Esta proposta tem como objetivo contribuir com a reflexão sobre revitalização, proposta pelo evento por meio de relato de experiência protagonizada por indígenas Tembê do Gurupí no processo de retomada da língua indígena Tembê na região do Guamá. Tem como foco de reflexão a ida de indígenas Tembê do Gurupí para a região do Guamá com o propósito de ensinar a língua indígena Tembê. O povo indígena Tembê Tenetehár do Guamá habita a Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), estado do Pará, e reivindica, ao longo de muitos anos, a retomada da terra, das práticas culturais e da língua falada por seus ancestrais, os Tenetehár. Nesse processo de luta, entre outras conquistas, conseguiram a escola indígena na aldeia, que oferece o ensino do português e do Tembê. Importa mencionar que os dois indígenas do Gurupí que se dirigiram ao Guamá para colaborar com o ensino da língua Tembê, atualmente, são professores de língua indígena em escolas da região do Guamá. Esta proposta considera, principalmente, a visão dos indígenas do Gurupí que se deslocaram até as aldeias do Guamá, mas também a visão dos indígenas que testemunharam essa experiência. A experiência mencionada teve um efeito muito significativo para o início de retomada da língua Tembê na região do Guamá, ainda em processo.

Bewãri Farias dos Reis Tembê / Tabita Fernandes da Silva: *Estratégia para o Processo de Retomada da Língua Indígena Tembê na Região do Guamá: Uma Experiência de Imersão*

A proposta desta participação no evento Viva Língua Viva tem como objetivo o compartilhamento de um relato de experiência de imersão de um jovem

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

indígena Tembé da região do Guamá junto aos seus parentes Tembé do Gurupi para o aprendizado da língua indígena. O povo indígena Tembé do Guamá vive na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), no estado do Pará, e tem enfrentado e resistido por muito tempo processos de intensas lutas para reaver suas terras, suas práticas culturais e sua língua de herança, falada por seus ancestrais, o povo Tenetehár. Ao longo dos anos, os Tembé do Guamá têm buscado estratégias para retomar a língua que, em razão de circunstâncias diversas, não estava sendo falada no cotidiano. Uma das estratégias tomadas foi a imersão de um jovem indígena Tembé da região do Guamá na região do Gurupi que teve como resultado o aprendizado da língua, uma experiência que foi bem-sucedida. Assim, esta proposta visa refletir sobre o modo como se deu a experiência de imersão e como essa experiência repercutiu no processo de retomada da língua indígena Tembé que está em processo na região do Guamá, no momento, por meio do ensino e aprendizado nas escolas.

**17:30h – 18:30h**

ASB-1

**Atividade cultural**

*Exposição: “Travessias: arte em tradução”* – Julien Bismuth (Fotógrafo)

**QUARTA-FEIRA, DIA 23 / NOV / 2022**

<b>Horário / Local</b>	<b>Atividade</b>
<b>08:15h – 10:15h</b> ASB-1	<b>Oficina 1</b> <i>“Jogos linguísticos para ensino/aprendizagem de línguas”</i> – Dra. Altaci Rubim - povo Kokama (Universidade de Brasília – UnB)
<b>08:15h – 10:15h</b> ASB-2	<b>Oficina 2</b> <i>“Produção de material didático para ensino de Línguas (com foco em L2) no contexto de revitalização”</i> -- Dr. Luiz Alexandre Mattos do Amaral (University of Massachusetts Amherst, EUA).
<b>10:15h – 10:30h</b>	<b>Intervalo</b>
<b>10:30h – 12:00h</b> ASB-1	<b>Conferência</b> <i>“Avances y retos de los idiomas indígenas en Guatemala” / “Avanços e desafios das línguas indígenas da Guatemala”</i> – Don Álvaro Estebán Pop Ac (representante dos povos indígenas da América Latina e do Caribe no GT mundial da Unesco para a década das línguas indígenas)
<b>12:00h – 14:00h</b>	<b>Intervalo (almoço)</b>
<b>14:00h – 16:00h</b> ASB-1, ASB-2	<b>Sessões de Comunicação Oral</b> (ver programação das sessões orais)
<b>16:00h – 16:30h</b> PPGL-T	<b>Intervalo (coffeebreak)</b>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

16:30h – 18:00h

ASB-2

### Mesa Redonda

*“Revitalização e fortalecimento da língua no contexto escolar & produção de material didático”* – Dra. Gelsama Mara Santos (UNIFAP), Graduanda Kassia A. L. M. Galiby (UNIFAP), Dra. Gessiane Picanço (UFPA) e Doutorando Ytanajé C. Cardoso Munduruku (UFAM).

18:00h – 18:45h

ASB-1

### Atividade Cultural Livre

Aberto para contribuições de representantes dos povos originários presentes.

## QUINTA-FEIRA, DIA 24 / NOV / 2022

Horário / Local	Atividade
08:15h – 10:15h ASB-1	<b>Oficina 1</b> (continuação) <i>“Jogos linguísticos para ensino/aprendizagem de línguas”</i> (ver acima)
08:15h – 10:15h ASB-2	<b>Oficina 2</b> (continuação) <i>“Produção de material didático para ensino de Línguas (com foco em L2) no contexto de revitalização”</i> (ver acima)
10:15h – 10:30h	<b>Intervalo</b>
10:30h – 12:00h ASB-1	<b>Conferência</b> <i>“Línguas em perigo e revitalização linguística”</i> – Dra. Bruna Franchetto (Museu Nacional/ UFRJ).
12:00h – 14:00h	<b>Intervalo</b> (almoço)
14:00h – 16:00h ASB-1, ASB-2	<b>Sessões de Comunicação Oral</b> (ver programação das sessões orais)
16:00h – 16:30h PPGL-T	<b>Intervalo</b> (coffeebreak)
16:30h – 17:30h PPGL-1+2	<b>Sessão de Pôsteres P1</b> (ver programação dos pôsteres)
17:30h – 18:30h ASB-1	<b>Roda de Conversa</b> <i>“Retrato das iniciativas de revitalização linguística pelo país”</i> – GT Nacional da Década das Línguas Indígenas: Sâmela Ramos da Silva Meirelles, Anari Braz Bomfim, Altaci Corrêa Rubim, Marcia Nascimento.  A roda de conversa “Retrato das iniciativas de revitalização linguística pelo país” apresentará um panorama preliminar das iniciativas de revitalização linguística no Brasil a partir do levantamento realizado pelo Grupo de Trabalho (GT) Nacional da Década das Línguas Indígenas. Esse levantamento tem sido feito por meio do preenchimento de um questionário online

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

disponível desde agosto de 2022, e que já foi respondido por 139 povos indígenas brasileiros. Ao mesmo tempo, essa roda de conversa tratará também das ações que o GT tem realizado desde 2021 e quais são as perspectivas presentes no Plano de Ação da Década para o fortalecimento das línguas indígenas brasileiras.

**18:30h – 19:00h**

ASB-1

**Atividade Cultural Livre**

Aberto para contribuições de representantes dos povos originários presentes.

**SEXTA-FEIRA, DIA 25 / NOV / 2022**

<b>Horário / Local</b>	<b>Atividade</b>
<b>08:15h – 10:15h</b> ASB-1	<b>Oficina 3</b> “ <i>Ninho de língua: teoria e prática</i> ” – Dra. Marcia Nascimento - Povo Kaingang.
<b>10:15h – 10:30h</b>	<b>Intervalo</b>
<b>10:30h – 12:00h</b> ASB-1	<b>Mesa Redonda</b> “ <i>Economic Value of Endangered Languages</i> ” / “ <i>O valor econômico das línguas ameaçadas</i> ” – Dr. Camiel Hamans, Dr. Miguel Oliveira Jr. e Cacica Tônkyre Akâtikatêjê (nome não indígena Kátia Silene da Costa Valdenilson).
<b>12:00h – 14:00h</b>	<b>Intervalo (almoço)</b>
<b>14:00h – 16:00h</b> ASB-1, ASB-2	<b>Sessões de Comunicação Oral</b> (ver programação das sessões orais)
<b>16:00h – 16:30h</b> PPGL-T	<b>Intervalo (coffeebreak)</b>
<b>16:30h – 17:30h</b> PPGL-1+2	<b>Sessão de Pôsteres P2</b> (ver programação dos pôsteres)
<b>17:45h – 18:30h</b> ASB-1 ou PPGL-A	<b>Mesa de Encerramento</b> Dra. Bruna Franchetto (Museu Nacional/ UFRJ), Dra. Adelaide H.P. Silva (Presidente Abralin). Coordenação: Dra. Ana Vilacy Galúcio (MPEG; UFPA).

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

## SESSÕES DE COMUNICAÇÕES ORAIS

**SESSÃO 1**, terça-feira, dia 22 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h

**Auditório Setorial Básico I, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** Francisco de Moura Cândido

### ***O Fortalecimento da Língua e da Cultura Apurinã por meio dos Kymapury e Kymyrury***

Além da fala propriamente dita, existem diferentes formas de comunicação. O povo Apurinã no uso de sua língua, conhecimento, costume e tradição, faz uso do calendário-ecológico-tradicional, como forma de comunicação e orientação no seu cotidiano e para uma relação amistosa e de alteridade com o meio em que vive. Isso ocorre, percebendo o tempo das estações de chuva e sol, enchentes e vazantes dos rios e igarapés, floração e frutificação das plantas, aparecimento e reprodução dos peixes e de diversos animais. Além disso, nossos grafismos, as metades exogâmicas (xiwapurynyry e mẽetymanety), indumentárias e adornos são também elementos que falam. No entanto, o que busco analisar nesse trabalho, é a compreensão sobre a linguagem dos kymapury (caminhos de conhecimento e conexão) e kymyrury (habitações dos espíritos) como espaços de proteção, conhecimento, transmissão, alimento físico e espiritual, produção, reprodução e fortalecimento cultural. Pretendendo realizar esse estudo, pesquisando literaturas existentes sobre a temática abordada (FACUNDES, Sidney/2000; FERREIRA, Ana Patrícia Chaves/2013; LINK, Rogério Sávio/2016; NASCIMENTO, Patrícia da Costa/2019; SARMENTO, Francisco/2017; SCHIEL, Juliana/2004; VIRTANEN, Pirjo Kristiina/2021). Contudo, meus principais interlocutores/colaboradores, para o fornecimento de informações, certamente serão meus parentes Apurinã, em especial os kiumanhe (sábios) e professores bilingue de nossas aldeias, com os quais pretendo dialogar, realizar entrevistas e coletar depoimentos. O cumprimento dessa proposta de pesquisa, visa entre outras coisas, conhecer a importância dos kymapury e kymyrury para existência e manutenção dos Apurinã e quiçá do planeta. Nessa perspectiva, acredito contribuir para o fortalecimento da língua, identidade, cultura e valorização desses lugares ontológicos.

**14:20h – 14:40h** Maiua Txicão; Korotowĩ Taffarel; Angela Chagas

### ***Contribuições da Documentação Linguística para o Fortalecimento da Língua Ikpeng no Ambiente Escolar***

Nosso objetivo com esta comunicação é apresentar as atividades e os produtos desenvolvidos durante o projeto de documentação da língua Ikpeng que contribuíram para o fortalecimento do ensino da língua materna desta sociedade indígena no ambiente escolar, espaço em que predomina o uso e o ensino da língua portuguesa. A língua Ikpeng é falada pelo povo homônimo, que vive no Parque Indígena do Xingu (MT). Seu processo de documentação linguística foi ambientado no Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN), promovido pelo Museu do Índio/FUNAI, em parceria com a UNESCO, durante o período de 2009 a 2012. Dentre as principais contribuições do projeto de documentação da língua Ikpeng estão o levantamento de um diagnóstico sociolinguístico, a criação de uma base de dados lexicais, a elaboração de uma gramática descritiva da língua Ikpeng, a publicação de um livro monolíngue de narrativas tradicionais e cursos de formação em linguística para os professores das escolas indígenas. Os produtos resultantes da documentação foram desenvolvidos com base e a partir de demandas particulares do contexto escolar da sociedade Ikpeng, numa tentativa de preservar e valorizar a língua e as memórias ancestrais próprias desta sociedade indígena. O foco desta comunicação é o livro de narrativas Wonkinom Mĩran, publicado em 2014, e seu uso por professores e alunos das escolas indígenas Ikpeng.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

**14:40h – 15:00h** Sabine Reiter; Eliane Camargo

### ***Fortalecendo Língua e Cultura Indígena: O Projeto Caxinauá (DOBES 2006-2011)***

Em 2006, iniciou-se um projeto de documentação da língua dos caxinauás (huni kuin), grupo pano que vive em área fronteira entre o Brasil e o Peru. Nos anos seguintes foram coletados dados audiovisuais e revisado o material já existente em diversos formatos. O objetivo oficial do projeto DoBeS era um acervo digital, acessível à toda comunidade acadêmica. O objetivo mais específico, porém, era a participação da própria comunidade indígena em termos de trabalho no projeto, seleção de temas e acesso ao e usufruto dos resultados. Importância singular foi dada à formação em linguística de professores caxinauás e troca de ideias relativas a conceitos técnicos. Em parte, essas atividades podiam ser financiadas com verbas do projeto, devido às mudanças nos paradigmas relacionados ao conhecimento e à conduta de pesquisa. Outras atividades foram realizadas com apoio de vários parceiros culturais e educacionais. Foi publicada uma re-transcrição e tradução da primeira coletânea de textos caxinauás bilingues de Capistrano de Abreu (1914); fotos e gravações antigas de cantos tradicionais foram digitalizados e disponibilizados à comunidade; diversos aspectos da língua e cultura foram abordados nas oficinas segundo a demanda local. Em 2018, foi possível mostrar alguns resultados desse trabalho em uma exposição na cidade de Belém, conceituada em conjunto com membros da comunidade, na qual dois representantes do grupo propuseram visitas monitoradas ao público. Nesta comunicação, apresentamos algumas das possibilidades de como, a partir de um projeto declaradamente científico em comunidade indígena, pode-se desenvolver atividades úteis para fortalecer a língua e valorizar práticas socioculturais, dando mais visibilidade social para a comunidade em questão.

Capistrano de Abreu, J. (2016). Rã-txa hu-ni-ku-ĩ. A língua dos caxinauás do rio Ibuacu, afluente do Muru. Textos bilingues caxinauá-português. Organização Eliane Camargo. Campinas: Editora Unicamp.

Camargo, E./ Villar, D. (orgs.) (2013). Huni kuin hiwepaunibuki, A história dos caxinauás por eles mesmos; La historia de los cashinahuas por ellos mismos. São Paulo: Editora do SESCSP.

Reiter, S./ Camargo, E. (no prelo). “Shaping attitudes about indigenous languages and cultures – the exhibition project “Os caxinauás – autonomia e contato” em Belém do Pará”. Boletim MPEG. Ciências Humanas.

Tuhiwai Smith, L. (2012). Decolonizing methodologies. 2a edição. London: ZED books.

**15:00h – 15:20h** Dionei Moreira Gomes; Pedro Henrique Silva Araújo

### ***Oficinas Etnoterminológicas com Estudantes Guajajara da Eja: Prática Escolar, Sociocultural, Identitária e Metodologia Linguística***

Nosso objetivo é apresentar o método de oficinas etnoterminológicas (OEs) em uma escola urbana com estudantes Guajajara. Essas oficinas fazem parte de projetos de Acessibilidade Linguística para estudantes indígenas (Araújo, 2021; Gomes, 2020) e são um método de geração de dados crítico, embasado na pesquisa-ação com traços etnográficos. As oficinas têm ressignificado o espaço escolar urbano para comunidades indígenas no Distrito Federal. Para tanto, como aparato teórico, temos usado a Etnoterminologia (cf. Gomes, 2013; Gomes e Ferreira, 2015; Costa e Gomes, 2013a), a Política Linguística (cf. Spolski, 2016), alinhados também às competências interculturais (Fantini e Timirzi, 2006). Ao analisar os primeiros resultados da aplicação do método, pudemos observar a sua relevância, uma vez que essa pesquisa-ação tem produzido um tipo de intervenção social para a autoafirmação e emancipação de um grupo indígena em espaço escolar urbano, mediante a valorização de sua língua materna, o guajajara. É por essa razão que defendemos as oficinas etnoterminológicas como prática de ressignificação do espaço escolar urbano, tornando-o mais intercultural e, por consequência, mais adequado para suprir as demandas dos indígenas que o frequentam, além de auxiliar no ensino formal desses estudantes. Ademais, as OEs têm também como meta a elaboração de obras etnoterminográficas para uso didático-pedagógico em sala de aula por esses estudantes. Por fim,

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

destacamos a documentação da língua guajajara como mais um resultado relevante das oficinas etnoterminológicas.

**15:20h – 15:40h** Leandro Durazzo; Evandro de Sousa Bonfim

## ***Retomadas Linguísticas no Nordeste Indígena, em Minas Gerais e no Espírito Santo: Um Mapeamento Etnográfico***

Os povos indígenas presentes no Nordeste brasileiro e nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo partilham muitas características em comum, que se adensam por intrincados circuitos de relações interétnicas. Uma das questões partilhadas é a dimensão linguística extremamente rica e ativa, seja pelas variações portuguesas faladas em cada comunidade, seja pelos idiomas indígenas presentes em determinados grupos (Fulni-ô, Kariri-Xocó, Pataxó, Maxakali etc), seja pelo contato estabelecido em situações rituais com os encantados, momentos em que emergem formas ritualizadas dos vernáculos indígenas. Tais especificidades têm ganhado relevo na região por motivarem diversas políticas linguísticas de base comunitária, em que processos de retomada/revitalização linguística, por exemplo, oferecem-nos novo campo de investigação, pelo qual passamos a considerar as línguas indígenas antropológica e sociolinguisticamente, para além das perspectivas linguísticas descritivas ou históricas apenas. Neste trabalho, pensaremos tais questões a partir de considerações etnográficas desenvolvidas junto a povos presentes no Nordeste brasileiro, em Minas Gerais e no Espírito Santo, que em anos recentes têm se empenhado em fortalecer seus processos políticos, linguísticos e educativos que ganham tração com o início da Década Internacional das Línguas Indígenas, proclamada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no intuito de promover ações voltadas ao reconhecimento, à documentação e à revitalização de línguas indígenas, sempre compreendendo os povos e comunidades indígenas como atores privilegiados nesse processo de disseminação intelectual e de produção de conhecimento. Por meio de um levantamento de produções etnográficas recentes, objetivamos contribuir para um mapeamento das ações relativas às políticas linguísticas, destacando experiências diferenciadas de engajamento e promoção das línguas a partir da cosmologia dos diferentes povos indígenas presentes na área etnográfica, nas quais os sonhos e outras modalidades epistêmicas, a comunicação com a sobrenatureza, os processos ideofônicos e outras formas sincrônicas de elaboração linguística ganham relevância.

**SESSÃO 2, terça-feira, dia 22 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h**

**Auditório Setorial Básico II, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h**

Evangelina Sonia dos Santos Jeanjacque; Kassia Angela Lod Moraes Galiby; Nicole Sthefany Lod da Silva; Gelsama Mara Ferreira dos Santos; Evilania Bento da Cunha

## ***A Retomada da Língua Kali'na Telewuyu***

O povo Galibi Kali'na encontra-se em toda a costa caribenha, desde a Venezuela até o Brasil. Os Galibi Kali'na do Oiapoque migraram para o Brasil na década de 1950. Hoje é uma população de aproximadamente 74 indivíduos onde uma parte vive na aldeia São José dos Galibis, Terra Indígena Galibi, Município do Oiapoque, Estado do Amapá, e outra parte está espalhada pelo Norte e Nordeste do Brasil. Desse total, aproximadamente 8 indivíduos falam a língua Kali'na Telewuyu, pertencente à família linguística Karib. A terceira geração tem como língua materna o Português. O objetivo desse trabalho é apresentar os primeiros resultados do projeto de extensão 'Kali'na na escola: uma construção colaborativa de material didático em língua Kali'na'. O projeto promoveu capacitação em métodos e técnicas de Documentação Linguística de



# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

jovens kali'na a partir de oficinas de capacitação em manuseios de equipamentos para áudio e vídeo; formação em programa de transcrição e tradução (Moore et al., 2016; Franchetto, 2017; Santos & Silva, 2020; Campetela et al, 2017). Conseguimos documentar em áudio e vídeo narrativas em língua Kali'nã, algumas estão transcritas e traduzidas para o português. Pretendo apresentar os efeitos produzidos dessa iniciativa de revitalização, a partir de um trabalho colaborativo, e como os jovens kali'na, depois dessa ação, estão reagindo para retomar e fortalecer a língua Kali'na Telewuyu.

**14:20h – 14:40h** Marcia Nascimento

## ***Programas de Imersão Linguística em Contexto Escolar. Por que Investir Nessa Ideia?***

Programas de Imersão Linguística em Contexto Escolar. Por que Investir Nessa Ideia?

O objetivo dessa comunicação é discutir questões relacionadas ao ensino de línguas indígenas em contexto escolar a partir de dados sobre ensino de língua Kaingang em escolas na Terra Indígena Nonoai. Interessa averiguar se as práticas de ensino da língua Kaingang estão voltadas para a revitalização e quais são os fatores que demonstram essa preocupação. Apesar de o movimento de revitalização das línguas indígenas ganhar força no mundo todo, sobretudo nas últimas décadas aqui no Brasil, algumas questões não são amplamente conhecidas entre as comunidade e professores, como a quebra da transmissão intergeracional da língua indígena, por exemplo. O que se nota é que crianças Kaingang monolíngues em português chegam cada vez mais cedo nas escolas com a implantação de creches e escolas de educação infantil e os professores continuam sem saber como lidar com esse "problema". Iniciativas mundo a fora tem testado métodos de ensino e aquisição de língua como programas eficientes em revitalização de línguas em perigo de desaparecimento. Pretendemos, de forma prática, trazer algumas dessas experiências e discutir o que as pesquisas dizem sobre métodos de imersão linguística e as teorias sobre aquisição de língua na primeira infância e, por que discutir essas questões é importante no contexto da revitalização e reestabelecimento da transmissão intergeracional. Escolas em comunidade indígenas, além de promover proficiência em leitura e escrita, podem ser campos férteis de produção de falantes de línguas indígenas.

**14:40h – 15:00h** Vanda Pires; Filomena Sândalo

## ***Corpus Kadiwéu Online: Ferramenta para Pesquisa, Fortalecimento Linguístico e Letramento***

O Brasil tem uma enorme diversidade linguística e, embora se possam encontrar estudos sobre estas línguas em trabalhos científicos, não é tão fácil encontrar materiais de narrativas indígenas na língua original com traduções e análise gramatical de modo online. Além disso, embora as comunidades contem com escolas indígenas, elas carecem de materiais para trabalhar gramática e arte verbal. Por isso fizemos um corpus digital de uma dessas línguas, o kadiwéu, falado no Mato Grosso do Sul, com narrativas originárias, traduções e anotações sobre a sua gramática. O corpus, ainda em elaboração, está depositado em uma plataforma digital elaborada no IEL/UNICAMP que acomoda corpora linguísticos (<https://www.tycho.iel.unicamp.br/home>). A Plataforma Tycho Brahe é uma estrutura computacional que facilita a coleta, anotação e comparação de dados textuais. A ferramenta, baseada em navegador online, fornece funções de pesquisa, visualização e edição para anotações linguísticas com ferramentas integradas de tagger (etiquetador de palavras e morfemas) e parser (anotador sintático de sentenças) que facilita a pesquisa na língua. O trabalho com narrativas online na Aldeia Alves de Barros (MS) tem o objetivo de tentar incentivar a leitura em kadiwéu e uso da língua. Atualmente menos de um terço dos Kadiwéus usam a língua, e o português predomina grandemente. A escola Ejiwajegi/Kadiwéu de Alves de Barros busca desenvolver um trabalho para fortalecimento desta língua através de palestras, incentivando os jovens a preservar a língua nativa, e buscando a alfabetização na língua

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

kadiwéu desde as séries iniciais do ensino fundamental. Esperamos que um material online com narrativas originárias possam incentivar a leitura e escrita e o estudo da gramática do Kadiwéu, levando ao fortalecimento desta língua, bem como à preservação e transmissão geracional de sua arte verbal.

**15:00h – 15:20h** Antônia Fernanda de Souza Nogueira

## ***A Importância de uma Base de Dados Lexicais na Documentação e Renascer de uma Língua Severamente Ameaçada***

A etnia Wajuru tem uma população de cerca de 300 pessoas que vivem no estado de Rondônia (Brasil). A maioria da população é falante de português. Há, atualmente, apenas 02 falantes fluentes idosos. Em 2012, em uma das reuniões sobre a necessidade de elaboração de materiais didáticos para o ensino da língua Wayoro, uma das lideranças afirmou que a escola poderia ajudar a renascer a língua. Destacamos aqui a importância de bancos de dados lexical, com sentenças exemplos (de campos semânticos solicitados pela comunidade), para a mobilização ou elaboração de produtos úteis às línguas severamente ameaçadas (NATHAN, 2006; MOSEL, 2012), tal como a língua Wayoro. Em nossa experiência, as principais demandas da comunidade tem sido itens lexicais e enunciados para uso na escola e em contextos de uso próprios da comunidade. No âmbito escolar, o professor Gilson Wajuru Massaka (2017) relata que tem trabalhado com palavras da língua Wayoro, especialmente, os nomes de animais. Quanto a contextos culturais específicos, observamos o interesse pela palavra tuero ‘chicha (bebida fermentada)’ e pelo enunciado opagat on ‘eu estou embriagado’ relacionados às chichadas, ambiente de sociabilidade próprio das etnias região (SOARES-PINTO, 2009). Mais recentemente, através de uma mensagem de Whatsapp, em abril de 2022, Hélio Wajuru Djeoromitxi solicitou algumas palavras escritas na língua Wayoro, por exemplo, ngwaytxo ‘jacaré’ e apogap ‘chapéu (em lugar de cocar, que não era parte da cultura material tradicional)’ para serem estampadas em camisas. Outros campos semânticos de amplo interesse são: partes do corpo humano e dos animais detalhados, termos para insetos, cobras, peixes e “frutas do mato”, além de nomes próprios. Como ferramenta de armazenamento de léxico e sentenças temos usado o software FieldWorks Language Explorer (SIL, 2021). Uma versão preliminar do banco de dados está disponível em Nogueira, Comunidade Wajuru da Terra Indígena Rio Guaporé e Miranda (2021).

**15:20h – 15:40h** Clédson Mendonça Junior

## ***Me Kunī Umari: Em Rede pelos Direitos Linguísticos dos Mebêngôkre (Kayapó) em São Félix Do Xingu – PA***

No município de São Félix do Xingu, no Pará, a língua Mebêngôkre (Kayapó) é cooficial desde o ano de 2019. Apesar do reconhecimento jurídico, a sua implementação ainda não foi efetivada. Esta ação busca, em parceria com a Secretaria Executiva Municipal de Educação (SEMED) e seu Departamento de Educação Escolar Indígena, caminhos para garantir que os direitos linguísticos dos falantes sejam considerados na prática. Através de uma rede de solidariedade entre professores Mebêngôkre bilíngues, que atuam nas mais de 30 escolas indígenas presentes no município, mensagens de voz com relatos de casos, reivindicações e ideias são recebidas semanalmente através de um grupo de Whatsapp. Em seguida, editadas, compartilhadas e reproduzidas através de Podcasts. Seguindo o modelo da rede “Copiô, Parente?”, os voluntários inscritos na ação, amplificam sua voz a lugares que normalmente não ocupariam, sensibilizando os não indígenas para a causa e conscientizando os demais para o protagonismo na cooficialização. Os conteúdos não apenas tratam das atitudes linguísticas, mas também do preconceito e da identidade linguística na rede escolar de ensino e nos demais ambientes onde a língua é falada. Essa ação é uma prática comunitária voltada ao fortalecimento da língua Mebêngôkre no contexto escolar e sua manutenção como língua viva.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

**SESSÃO 3, quarta-feira, dia 23 / Nov / 2022, 14:00h –16:00h**

**Auditório Setorial Básico I, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** Nilzimara de Souza Silva

### ***Ensino de Língua Wapichana na Região Serra Da Lua***

Wapichana é uma língua Aruak falada no estado de Roraima no Brasil e na Região 9 da Guiana. Em Roraima a língua é falada em várias terras indígenas situadas na região da Serra da Lua, à leste da capital Boa Vista. Apesar de ser a língua Aruak mais falada no norte amazônico Brasileiro, a transmissão intergeracional nas comunidades não é consistente, sendo as comunidades mais próximas a Boa Vista as que mais perderam falantes da língua. Para tentar reverter a situação de perda linguística, um grupo de professores de wapichana vem há mais de uma década trabalhando para desenvolver estratégias de transmissão linguística nas escolas da região. Nesta apresentação veremos algumas estratégias usadas, assim como desafios enfrentados na manutenção e revitalização do wapichana em ambiente escolar. O ensino de língua wapichana é muito importante na escola e na comunidade, porém muitas vezes a escola não dá o tempo suficiente para o ensino, dedicando somente 50 minutos de aulas semanais. Tanto nas escolas como nas comunidades mais próximas a Boa Vista a língua não é mais falada com frequência, e a sala de aula se converteu no único espaço onde jovens e crianças são expostos ao idioma de seus antepassados. Já em outras comunidades mais distantes, a língua ainda é usada no cotidiano. Porém, mesmo nessas comunidades existe o problema da valorização do aprendizado da língua em ambiente escolar. Um dos objetivos do grupo de professores wapichana é o educar todos os professores que trabalham nas escolas sobre a importância da língua indígena para que tenham esse cuidado de reconhecer o valor do ensino de língua na escola e dentro da comunidade. O grupo organiza encontros pedagógicos de línguas indígenas, onde os professores trocam experiências e tiram dúvidas sobre técnicas de ensino. Alguns dos produtos que saíram desses encontros foram (i) a gramática intitulada WAPICHAN PARADANIDIA'AN AICHAPKARY PABINAK NA'IK KADYZYI KID, (ii) as unidades de uma segunda gramática pedagógica da língua e (iii) três cadernos de atividades para serem usados do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Mesmo que estes materiais ainda não tenham sido oficialmente publicados, eles já permitiram que todas as escolas indígenas na região da Serra da Lua comecem a adaptar o ensino dentro da BNCCI, preparada por uma equipe de professores indígenas do estado em 2018.

**14:20h – 14:40h** Tatuxa'a Awa Guajá; Amyria Guajá; Flávia de Freitas Berto

### ***Uma Escola do Nosso Jeito: A Experiência dos Awa da T.I. Caru***

Apresentaremos a experiência e os desafios enfrentados pelos Awa Guajá da Terra Indígena Caru na consolidação de um ensino escolar que tenha a língua materna como língua de instrução e respeite o modo de vida dos indígenas. Os Awa Guajá são um povo classificado pelo Estado como “de recente contato”, ou seja, de alta vulnerabilidade epidemiológica, cultural e linguística, e vivem em quatro terras indígenas no estado do Maranhão. Alguns grupos não mantêm qualquer tipo de contato com outros indígenas ou não indígenas. Após anos de reivindicação e luta, as escolas indígenas das aldeias Tiracambu e Awa foram formalizadas pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão em 2017. Desde então os Awa Guajá têm tentado estabelecer uma escola que tenha como base o seu próprio calendário, em que suas atividades cotidianas de caça, coleta, roçado e de produção de farinha sejam o ponto de partida dos conteúdos trabalhados por professores indígenas e não indígenas. Além disso, a escola tem sido um espaço para a organização política frente às ameaças que os Awa Guajá enfrentam contra o seu território, a sua língua e o seu modo de vida. Dessa forma, apresentaremos

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

como a língua materna tem sido trabalhada por professores indígenas nesse processo de construção das escolas awa e fortalecido as comunidades na sua relação com os não indígenas.

**14:40h – 15:00h** Vanessa Silva Sagica

### ***Políticas Linguísticas ao Multilinguismo das Minorias do Brasil: Um Olhar sobre a Língua Indígena Makuxi do Extremo Norte do País***

O povo indígena Makuxi, segundo Sagica (2021, p.47) “estão espalhados em diferentes Terras Indígenas do estado como: na Raposa Serra do Sol, na Comunidade São Marco e na região da Serra da Lua que é formada por nove Terras Indígenas” do estado de Roraima, uma população que soma 28.745 declarados makuxis o que correspondem à 6% da população do Estado de Roraima que contava com 450.479 pessoas no último censo (IBGE, 2010). Desses makuxis, uma grande parcela, se não toda população, transita entre as suas comunidades e o contexto urbano, em busca dos serviços básicos como os educacionais, judiciários, de saúde entre outros, o que impacta diretamente na manutenção de sua língua indígena, o makuxi. No Brasil, este fato é legitimado pelo Art.13 da Constituição Federal de 1988, que afirma que “A Língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, contudo sabemos que antes mesmo da promulgação da constituição, o colonialismo já havia ignorado as línguas indígenas que sobreviviam no território nacional, fazendo com que os falantes e suas comunidades fossem obrigados a aprenderem a língua nação. Ainda que o Artigo 231 da Constituição Federal no Capítulo VIII “Do Índio” reconheça entre outras dimensões as “língua indígenas” elas de fato não são reconhecidas como tais, a luta por garantir a sobrevivência das línguas indígenas tem sido feita a passos curtos. A este aspecto Muller (2021) afirma que o não investimento estatal para a defesa dessas línguas minorizadas, se sustenta pela “predominância de uma das ideologias mais fortes dos Estados-Nacionais, a de que a pluralidade de línguas e culturas poderia ser um problema para a unidade nacional e a governança, e não um recurso para o seu desenvolvimento” (MULLER, 2021). Neste sentido é que se propõe apresentar estratégias advindas das políticas linguística que corroboram com os estudos do multilinguismo como sendo de extrema importância para romper com a ideologia, impositiva dos Estados-Nacionais de que o Brasil é um país monolíngue. Isso porque “Não é possível ficar parado de braços cruzados vendo o que estão fazendo com a sua língua, e de outros que estão em fase de extinção sem arregaçar as mangas e fazer algo a respeito” (RAJAGOLAPAN, 2013).

**15:00h – 15:20h** Leridiane Benamor Anicá

### ***A Vitalidade da Língua Kheuól Falada na Aldeia Samaúma-Galibi-Marworno***

O povo Galibi-Marworno é falante de uma das variedades da língua indígena Kheuól do Uaçá, uma língua de origem crioula de base francesa (Santos & Silva, G. 2020; Silva, G. 2021) e o Português como segunda língua. Habitam as Terras Indígenas Uaçá e Juminã, que ficam no Município de Oiapoque, no extremo norte do Estado do Amapá, Brasil. Vou apresentar os resultados de uma pesquisa realizada a partir do meu trabalho de final de curso (TCC), desenvolvido em 2019. Realizei um Diagnóstico Sociolinguística na aldeia Samaúma que está localizado na BR 156, que faz ligação entre Macapá e o município de Oiapoque, no KM 83. Nesta aldeia encontramos falantes de Kheuól galibi-marworno, Kheuól karipuna e Português, cada língua sendo utilizada em diferentes espaços e em diferentes níveis de uso. A minha pesquisa buscou identificar a situação da língua Kheuól Galibi-Marworno, a sua vitalidade, o grau de bilinguismo kheuól/português (Silva, 2016) dos moradores da aldeia, os espaços em que essas línguas são utilizadas, os casamentos interétnicos; e o domínio da escrita em língua indígena e em língua portuguesa. A pesquisa foi realizada através de questionários impressos, aplicados a 49 moradores da aldeia. Utilizei o roteiro proposto no guia do Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL (2016) com algumas adaptações para a nossa realidade (Campetela et al, 2017). Como resultado, ficou claro que o português adentra a aldeia por diferentes vias: através de casamentos com não indígenas ou com pessoa de outras etnias; através do contato com funcionários do governo – da

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

saúde, da educação – nas reuniões para discutir o interesse da comunidade; através da igreja evangélica que entrou na comunidade com interesse de fazer a leitura de texto bíblico. A pesquisa foi apresentada à comunidade e a partir da nossa conversa pensamos políticas linguísticas possíveis para desenvolvermos em nossa comunidade.

**15:20h – 15:40h** Janina dos S. Forte; Jaciara Santos da Silva; Glauber R. da Silva; Gelsama Mara F. dos Santos; Cilene Campetela

## ***Karipuna e Galibi-Marworno e suas Ortografias***

Os povos Karipuna e Galibi-Marworno são dois povos de origens diferentes que falam variedades distintas da língua Kheuól do Uaçá. Habitam a Terra Indígena do Uaçá, município de Oiaçoque, esta-do do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa. Esta região destaca-se por ser uma área fronteiriça disputada por Brasil e França até o ano de 1900 (GALLOIS & GRUPIONI, 2003; NIMUENDAJU, 1926). Hoje, os povos Galibi-Marworno e Karipuna estão adotando o português como primeira ou segunda língua. A grande influência do português levou a um processo de diferenciação que afetou a fonética e a fonologia do kheuól o aproximando do português. Internamente, o kheuól do Uaçá difere-se sobretudo no léxico e em alguns processos fonéticos-fonológicos (CAMPETELA et al., 2017; SILVA & SANTOS, 2019). O sistema de escrita adotado nas escolas Karipuna e Galibi-Marworno para o ensino do kheuól foi realizado somente com representantes Karipuna, gerando insatisfação entre os dois povos e a impossibilidade de representar a variedade Galibi-Marworno nos materiais didáticos. O meu objetivo é apresentar a experiência dos professores indígenas Karipuna e Galibi-Marworno no âmbito do projeto “Valorização das Línguas Crioulas do Norte do Amapá (2019)” e fazer uma reflexão sobre os impactos do projeto na valorização e manutenção das variedades do kheuól do Uaçá. Os trabalhos de construção e revisão da ortografia foram realizados num processo colaborativo entre os professores indígenas Karipuna e Galibi-marworno e os linguistas docentes do (Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLII). Através de oficinas de formação em documentação linguística, capacitamos jovens. Produzimos quatro livros: dois livros didáticos organizados por séries e conteúdos específicos e dois livros paradidáticos nos quais estão reunidas narrativas contadas pelos sábios de cada povo ilustradas com desenhos. Todos os livros foram produzidos em kheuól e com as ortografias convencionalizadas pelos próprios professores. Hoje as ortografias definidas estão sendo utilizadas nas escolas.

**15:40h – 16:00h** Sérgio Seexuci Waiwai; Lúcia Maria da Silva Rodrigues

## ***Revitalização e Fortalecimento das Línguas Indígenas do CCTP no Contexto Escolar***

Este trabalho expositivo busca esclarecer os processos de revitalização e de fortalecimento das línguas faladas pelos alunos das escolas indígenas Waiwai, bem como o fortalecimento de outras línguas em uso pelos estudantes, não só Waiwai, como também as outras línguas em uso por diferentes etnias que habitam os limites do Extremo Norte do Brasil, nos Estados do Pará e do Amazonas, especificamente nas escolas das Terras do chamado Complexo Cultural Tarumã Parukoto – nome recebido em homenagem aos antigos povos originários Tarumã e Parukoto que habitavam as áreas das então Terras Indígenas. Os dados coletados por Rodrigues (2012; 2022) nas escolas das 24 aldeias do Complexo contribuem de forma importante para a descrição de novas propostas de proteção das línguas indígenas, assim como evidenciam a diversidade sociolinguística existente na região entre os povos da Amazônia. Com base em dados coletados nas pesquisas e nas participações das aulas nas aldeias do Complexo, propõe-se ações que auxiliarão nos processos de documentação para a manutenção/revitalização/vitalização das línguas indígenas em uso no Complexo. Sabemos que não há nenhum destes processos que exista a consciência por parte do falante acerca do valor dessa língua e da importância dessa ação. Desse modo, a principal forma de articular a conscientização linguística é através do

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

conhecimento. Segundo Hawkins (1984) e Broch (2014), a sensibilização à diversidade linguística e cultural, entre outras coisas, favorece as representações e as atitudes frente às línguas em contato e o desenvolvimento de uma cultura linguística multiétnica. Por meio dessa prática, os povos indígenas modificam suas atitudes em relação às línguas e aos grupos que as utilizam, mostrando-se mais interessados pelas línguas e pela cultura de seu povo, obtendo melhores resultados na preservação de seu patrimônio multilíngue e multicultural. Trata também de destacar como os professores indígenas estão atuando para essa proposta e como eles são importantes nos processos de revitalização e de fortalecimento das línguas ameaçadas.

**SESSÃO 4, quarta-feira, dia 23 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h**

**Auditório Setorial Básico II, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** Francisco França Miguel; Celino A. Raposo; Isabella C. Costa

***Dicionário Makuxi: Desafios e Possibilidades***

Os povos indígenas da Amazônia detêm um conhecimento do espaço natural que se construiu ao longo dos tempos, formando um patrimônio intelectual autêntico no qual os componentes só existem quando são produto da interação entre o que é transmitido de geração a geração pelo canal da oralidade. Este patrimônio está ameaçado de se extinguir por vários fatores: o proselitismo religioso que ataca as crenças sobrenaturais e as normas de conduta social das sociedades tradicionais; a economia feita à base de troca, muitas vezes injusta, que expõe as comunidades indígenas à exploração econômica dos não-índios; a língua, vetor da transmissão, que perde sua vitalidade em contato com a língua oficial da sociedade não-indígena. Dessa maneira, o registro e documentação dos conhecimentos das sociedades tradicionais através da elaboração de materiais nas línguas indígenas constitui uma forma de salvaguarda a esse patrimônio imaterial. Assim, tendo em vista a imensa necessidade de se estimular o uso da língua nos espaços midiáticos, para que ela esteja acessível e atraia o uso de jovens indígenas, surgiu a iniciativa de ampliação do Dicionário da Língua Makuxi (RAPOSO, 2008), para que, além da inclusão de novas entradas lexicais referentes a fauna e flora, o dicionário ganhe uma versão online bilíngue e com possibilidade de versão impressa. A coleta de dados parte de textos e dados já coletados em cadernos de campo, além de entrevistas com falantes da língua Makuxi. Os dados serão inseridos em planilhas e analisados na plataforma (FLEX) com vistas a elaboração do dicionário online. Espera-se que a ampliação dos dados do dicionário, bem como o seu novo formato online possam contribuir para a divulgação da língua entre falantes mais jovens e que o uso do material não fique restrito às escolas, mas possa circular amplamente na sociedade.

**14:20h – 14:40h** Glauber Romling da Silva; Gélsama Mara Ferreira dos Santos; Amanda da Costa Carvalho; Janina dos Santos Forte; Jaciara Santos da Silva

***Dicionário Online do Kheuól Do Uaçá, Variedades Karipuna e Galibi-Marworno***

O kheuól do Uaçá é uma língua indígena ameaçada falada e compartilhada por dois povos de origens bastante distintas, os Karipuna e Galibi-Marworno, que habitam Terra Indígena do Uaçá, situada no município de Oiapoque, estado do Amapá, na fronteira franco-brasileira. O kheuól do Uaçá deriva do guianense, língua que surgiu em Caiena, atual Guiana Francesa, no contexto colonial dos séculos XVII-XVIII, a partir do francês (Carvalho, 2020; Santos, M.; Silva, G. 2020; Lüpke et al, 2020, Sil-va, G. 2021). Consolidou-se como língua franca de uma região com fronteira disputada por quase duzentos anos entre Portugal (posteriormente Brasil) e França, de 1713 até 1900. No século XX, com a consolidação da fronteira norte brasileira, firmou-se como língua de identidade desses dois povos (Silva, G. 2021). O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados parciais do processo de construção do Dicionário Online do kheuól do Uaçá (DOKH), um dos subprojetos do Projeto de Documentação de Línguas do Museu do Índio (FUNAI/UNESCO). A produção do DOKH, nas

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

variedades Karipuna e Galibi-Marworno, insere-se no contexto de revitalização linguística operado nos últimos anos por professores indígenas dos dois povos, que inclui a formação de pesquisadores indígenas em nível de graduação e pós-graduação (mestrado) em métodos e técnicas de Documentação Linguística voltados para a produção de materiais didáticos e paradidáticos em kheuól (Gippert et al., 2006; Moo-re et al., 2016; Santos, M.; Silva, G. 2020; Forte, 2021; Silva, J., 2022; ). A confecção do DOKH, aplica como metodologia uma abordagem participativa e formativa voltada para a autonomia (Denzon et al. 2008; Stenzel, 2014; Franchetto, 2017; Smith, 2021). O trabalho buscará refletir sobre os impactos desse processo na revitalização, documentação e descrição dessa língua.

**14:40h – 15:00h** Douglas Rodrigues Jr.; Matheus A. Ribeiro Soares; Ana Vilacy Galúcio  
(autoria compartilhada com o povo Sakurabiat e o povo Puruborá)

## ***Dicionarização como Ferramenta de Revitalização de Línguas Ameaçadas: Relatos de Experiência na Iniciação Científica***

Muitas línguas indígenas brasileiras têm sido forçadas em um caminho que leva ao seu desaparecimento devido, principalmente, ao número reduzido de falantes e à quebra de transmissão da língua entre as gerações do povo. Diante disso, surge a necessidade de desenvolvimento de projetos de documentação e revitalização dessas línguas ameaçadas com o intuito de salvaguardar esse patrimônio e garantir seu uso. Uma etapa importante na documentação e registro de qualquer língua é a sua dicionarização, constituindo esse um meio de fácil acesso que além de ser útil aos falantes de determinada língua, é também um produto do processo de documentação linguística. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir a respeito das contribuições que metodologias como a descrição e a documentação possuem para auxiliar no processo de revitalização de línguas ameaçadas. A metodologia empregada no presente trabalho é de cunho qualitativo e o procedimento para obtenção de dados foi o relato de experiência de dois bolsistas de iniciação científica (PIBIC) atuantes em projetos de documentação que podem contribuir para o processo de revitalização de duas línguas indígenas ameaçadas, elaborando dicionários bilíngues. Os resultados encontrados indicam que a dicionarização de línguas ameaçadas constitui uma ferramenta essencial nos processos de revitalização e documentação de uma língua, isto porque o dicionário serve como fonte de dados para estudos histórico-comparativos e tipológicos, áreas de grande carência de dados de boa qualidade disponíveis. Além disso, a existência do dicionário é útil do ponto de vista científico e também importante do ponto de vista prático, pois terá relevância para o povo indígena que possuirá em mãos grande parte de seu acervo cultural imaterial e poderá utilizar a ferramenta para o processo de revitalização. Com a experiência, aprimoram-se ferramentas e metodologias de registro, recuperação e proteção de acervos linguísticos, assegurando a sua perpetuação e garantindo que a ciência esteja a serviço e retornando conhecimentos para a sociedade.

**15:00h – 15:20h** Artur García Gonçalves; Camille Cardoso Miranda

## ***Documentação e Produção Dicionário Multimídia Língua Baniwa-Koripako***

O presente trabalho tem como objetivo descrever os passos que foram desenvolvidos nas oficinas do projeto de documentação da Língua Baniwa-Koripako, intitulado Dicionário Multimídia Enciclopédico Baniwa-Koripako com parceria da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), Museu do Índio e Funai (Fundação Nacional do Índio). Foram realizadas duas oficinas que tinham como propósito discutir as etapas desenvolvidas na elaboração de material didático com foco no Dicionário Multimídia Baniwa-Koripako, coletar materiais linguísticos, imagens, gravações para a documentação, registro e análise da língua. Além disso, as oficinas auxiliaram no treinamento de programas linguísticos especializados em proposta de dicionários como o WeSay. Após a oficina, conseguimos realizar gravações e correções que contribuíram no registro dos dados já coletados. Nesta pesquisa utilizamos alguns trabalhos lexicográficos como Dapena (2002), Borba (2003), Zgusta (1971), Biderman (1998 a 1998b, 2001), Vilela

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

(1994) além de textos sobre documentação linguística para um melhor desenvolvimento do projeto. Como resultado foram coletadas mais de 1000 palavras com seus exemplos de uso, definição, imagem e áudio. O dicionário ainda está em processo final, porém novas etapas necessitam ser incluídas e outras necessitam ser revisadas. Desse modo, esperamos que este material possa ser logo disponibilizado para as comunidades Baniwa-Koripako com intuito de ajuda a comunidade nos estudos de ensino/aprendizagem da sua língua materna, assim como ser mais um suporte de documentação linguística do povo Baniwa-Koripako.

**15:20h – 15:40h** Helder Perri Ferreira

## ***Portal Japiim – Publicando e Elaborando Dicionários Multimídia de Línguas Indígenas***

O Portal Japiim é uma ferramenta digital online e dinâmica para abrigar integradamente banco de dados lexicais multimídia sobre línguas naturais, em particular as línguas indígenas faladas no Brasil. A plataforma permite tanto a elaboração colaborativa e publicação multimodal de dicionários multimídia de línguas indígenas. Os diversos bancos lexicais da plataforma Japiim estão integrados, o que permite buscas transversais por palavras nesses dicionários e a apresentação de seus resultados em formato variado, como tabelas e mapas. A plataforma apresenta diversas funcionalidades de publicação e exportação dos dicionários, como a versão escrita em L<sup>A</sup>T<sub>E</sub>X e PDF, a versão em aplicativo multimídia Android para uso offline, e os cartões de palavra para serem divulgados em mídias sociais digitais (Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp, entre outros). A plataforma Japiim dispõe ainda de um conjunto de ferramentas para facilitar a edição colaborativa dos dicionários, como um sistema avançado de backup contínuo, registro e validação das alterações no dicionário, uma ferramenta de importação em massa de dados e mídia e um mecanismo de cópia de segurança geral do dicionário. Além de ser um meio de conhecer e promover as línguas indígenas, tanto nas comunidades indígenas como na sociedade nacional (via Internet), a plataforma Japiim pretende proporcionar meios aos linguistas (indígenas e não indígenas) de elaborar de maneira fácil e adequada a devolutiva dos trabalhos de lexicográficos audiovisuais realizados em comunidades indígenas (por app offline multimídia e PDF), considerando que muitas localidades indígenas não dispõem de sinal de internet estável. Atualmente a Plataforma abriga dicionários de 15 línguas e seu desenvolvimento vem sendo financiado pela UNESCO, no âmbito do Projeto de Documentação das Línguas Indígenas (ProDoclin) do Museu do Índio (Funai), podendo ser consultada em <http://japiim.museudoindio.gov.br/>. Os aplicativos para Android dos dicionários podem ser baixados em <https://play.google.com/store/apps/developer?id=Museu+do+%C3%8Dndio+-+Funai>

**SESSÃO 5, quinta-feira, dia 24 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h**

**Auditório Setorial Básico I, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** Adiane Quelri Valente França Terena; Maisa Antônio Terena; Denise Silva  
***Educação Infantil Indígena: Reflexões sobre o Trabalho com a Língua Terena***

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as experiências de ensino de língua materna Terena em duas Terras Indígenas de Mato Grosso do Sul: Terra Indígena Cachoeirinha, localizada no Município de Miranda e Terra Indígena Buriti, localizada no Município de Dois Irmãos do Buriti. Para o desenvolvimento do trabalho realizamos pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo para compreender como ocorre o ensino de língua na educação infantil dessas terras indígenas em questão. Pautaremos nossas discussões sobre a importância do ensino da língua materna na educação infantil evidenciando o trabalho de revitalização linguística realizado pela comunidade terena em parceria com o Instituto de Pesquisa da



# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

Diversidade Intercultural, destacam-se as ações: formação continuada de professores, elaboração de material didático específico para a educação infantil terena e articulação para a cooficialização da língua terena no município de Miranda/MS. Os resultados apresentam um panorama do trabalho com a língua materna nesta etapa da educação básica e reforça a necessidade de um trabalho interdisciplinar e de fortalecimento linguístico desde o ingresso da criança pequena no ambiente escolar.

**14:20h – 14:40h** Magnun Rochel Madruga; Wilmar da Rocha D'Angelis  
***O Trabalho de Revitalização da Língua Terena no Estado de São Paulo***

Nesta comunicação, apresentamos parte dos resultados de duas oficinas sobre ensino e revitalização da língua terena falada no Estado de São Paulo (SP) realizadas em 2019, bem como do trabalho de pesquisa sobre a gramática e estrutura da língua nos seus diferentes componentes. Sobre a população Terena de SP, vale mencionar que parte desse povo foi migrado para o São Paulo a partir da de 1920 e em três décadas seguintes e atualmente os Terena constituem três importantes comunidades: uma na T.I. Icatu (munic. de Braúna) e duas na T.I. Araribá (munic. de Avai): aldeias Kopenoti e Ekeruá. Além delas, há algumas famílias na T.I. Vanuíre (munic. de Arco-Íris) e algumas na Aldeia Tereguá (T.I. Araribá). Como há um número importante de falantes nativos do Terena nessa população, este projeto, realizado em parceria com ONG Kamuri, UFMG e UNICAMP, pretende contribuir para o desenvolvimento do ensino da língua Terena como segunda língua nas escolas de suas comunidades, bem como para a revitalização da língua no Estado de São Paulo. O projeto de revitalização linguística é realizado através de oficinas com professores indígenas, falantes nativos e lideranças da aldeia e da etnia. As oficinas acontecem durante três dias e nelas são abordadas questões linguísticas e culturais. A partir da demanda dos professores indígenas e da comunidade, são trabalhados os temas, que retornam como material a ser usado na escola e na aldeia. As oficinas também têm o papel de promover o conhecimento sobre a língua e cultura Terena para a comunidade falante e para os professores de Terena nas escolas da aldeia. Como resultados finais, pretende-se capacitar os professores de língua Terena em relação à gramática e funcionamento dessa língua, auxiliando-os no desenvolvimento de materiais didáticos autorais em Terena.

**14:40h – 15:00h** Kamutaja Silva ãwa; Typyire ãwa; Mônica Veloso Borges  
***O Projeto 'Grupo de Estudo da Língua ãwa (Avá Canoeiro)' e sua Contribuição para o Fortalecimento da Língua ãwa***

Neste trabalho contaremos nossa experiência no projeto 'Grupo de Estudo da Língua ãwa (Avá-Canoeiro)', que tem por meta realizar a documentação e o estudo da língua ãwa (Avá-Canoeiro), pertencente ao Tronco Tupi e à Família Tupi-Guarani, num processo de parceria entre indígenas ãwa do Estado do Tocantins e a linguista não indígena. Nossos objetivos são: 1) Contribuir para maior valorização e fortalecimento da língua ãwa, falada nos Estados de Goiás e Tocantins; 2) Contribuir com a documentação dos saberes do povo ãwa, especialmente sua língua; 3) Discutir e elaborar uma ortografia para a língua ãwa; 4) Contribuir para a melhoria da autoestima e a valorização da identidade do povo ãwa. A intenção é que futuramente ocorra também a elaboração de um dicionário temático monolíngue em língua ãwa, sobre animais, peixes e aves, com fotos e ilustrações produzidas pelos próprios indígenas ãwa. Esse dicionário será muito relevante, porque, além de ainda não existir nada escrito nessa língua, ele será usado como material didático na escola que está sendo idealizada e reivindicada pelo povo ãwa do Estado do Tocantins. As ações desse projeto de extensão, que estão em desenvolvimento desde 2020, foram realizadas por meio de reuniões virtuais e chamadas de vídeo, via Google Meet, e, ainda, através das mensagens, vídeos, áudios trocados no grupo de

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

discussão no Whatsapp “Eiramote ãwa”, criado especificamente para essas discussões e esse estudo, que inclui todos os ãwa do Estado do Tocantins que possuem acesso a celular e à internet.

**15:00h – 15:20h** Tabita Fernandes da Silva; Sílvia Helena Benchimol Barros  
***Tradução e Produção de Material Didático para o Ensino de Língua Indígena em Contexto de Revitalização***

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o lugar e a importância da tradução na produção de material didático para o ensino de língua indígena em contexto de bilinguismo, tomando-a como recurso valioso para as ações de revitalização linguística, a partir da situação do povo indígena Tembê-Tenetehára. Parte desse povo vive na região do Gurupí, que ainda fala a língua Tembê no cotidiano; outra habita na região do Guamá e tem iniciado seu processo de retomada da língua Tembê. Ambos são falantes do português e dispõem de escola indígena na própria aldeia com o ensino da língua Tembê e do português, em situação de acentuada escassez de material didático para o ensino das duas línguas. Assim, o objetivo deste estudo é a proposta de tradução de textos que sirvam ao ensino das duas línguas, considerando as necessidades e escolhas do próprio povo acerca do material a ser traduzido. Para isso, realizamos pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo junto ao povo Tembê. Como referencial teórico a respeito do povo Tembê-Tenetehára contamos com os estudos de Boudin (1978); Rodrigues (1985); Wagley e Galvão (1995); Zannoni (1999); Gomes (2000); Carvalho (2001) e Silva (2010). No tocante aos estudos da tradução, consideramos autores como Nida, (1990); Albert (1993); Alves (2000); Bassnett (1991), Robinson, (2002); Vinay e Dalbernet ((1958/1995). Quanto à revitalização, os de Hinton e Hale (2001) e Amaral (2020). Considera-se, conforme Robinson (2002), a importância do contexto, dimensão de importância inegável nos processos tradutórios, que definirá as estratégias de tradução a serem adotadas.

**15:20h – 15:40h** Daniel Araújo; Marcus Vinícius Garcia; Thaís Werneck  
***Políticas Linguísticas e Patrimônio Cultural. Um Relato sobre os Dez Anos do Inventário Nacional da Diversidade Linguística***

O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído pelo Decreto 7387/2010, é possivelmente a única iniciativa formal de implementação de uma política linguística no âmbito do poder executivo federal na nova república. É fruto de intensa mobilização de intelectuais e de comunidades linguísticas brasileiras, iniciada a partir do início dos anos 2000. Devido à dimensão de intangibilidade conferida às línguas enquanto bens culturais, coube ao Iphan abrigar e conduzir a implementação dessa política, pelo fato de se tratar de instituição voltada à preservação e promoção do patrimônio cultural brasileiro. Essa trajetória na última década é marcada por desafios de distintas escalas e naturezas. Desafios teóricos, metodológicos, políticos e estruturais. O objetivo dessa comunicação é apresentar uma narrativa sobre essa trajetória que busque: a) sintetizar e dialogar com a produção intelectual/crítica sobre o INDL; b) apresentar avanços e retrocessos ocorridos nesse intervalo de tempo, em especial nos últimos seis anos da política; c) relatar as estratégias que julgamos ser necessárias para tornar o INDL um instrumento de política pública que seja benéfico para as comunidades linguísticas. A perspectiva metodológica que nos orienta é a da autoetnografia, associada à etnografia do Estado (Helfeld, 1996), aproveitando-nos do fato de termos a visão relativamente privilegiada de vivenciar “por dentro” os meandros das tomadas de decisão e da tecnoburocracia estatal, ainda mais sob os auspícios de uma gestão declaradamente avessa aos direitos das minorias, entre estas, as minorias linguísticas.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

**SESSÃO 6, quinta-feira, dia 24 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h**

**Auditório Setorial Básico II, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** Nivaldo Korira'i Tapirapé; Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé; Waraxowoo'i Maurício Tapirapé

### ***Xe'ega'yao - Criação de Palavras Novas***

Nosso propósito, no referido seminário, é apresentar mecanismo de criação de novas palavras na língua Apyãwa para objetos, utensílios, alimentação, móveis, ferramentas e outros que de fora entraram nas nossas aldeias. Ações entendidas por nós como políticas linguísticas voltadas para manutenção, fortalecimento e revitalização da língua. O trabalho teve início quando os Apyãwa perceberam que o universo linguístico e epistemológico passava por uma transformação nada agradável em termos de vitalidade, uma vez que os próprios Apyãwa colaboravam com essas mudanças. São, portanto, resultados de muitas discussões e onde tomamos decisões importantes que dizem respeito às práticas pedagógicas, atividades comunitárias, fortalecimentos de saberes Apyãwa na escola, inclusão e envolvimento dos sábios nas atividades escolares. Sendo desse modo, conhecida também como ações de políticas epistemológicas por ter ganhado potências significativas na valorização e na revitalização de conhecimentos e saberes Apyãwa. Lembramos que, as atividades vêm ocorrendo através de realização de seminários e palestras com ampla participação dos membros da comunidade, proporcionando debates e discussão sobre fatores que causam mudanças tanto no que se refere ao uso da língua e aos conhecimentos Apyãwa.

**14:20h – 14:40h** Leandro Lariwana Karajá

### ***Ortografia Karajá a Luta da Sobrevivência Linguística***

O povo karajá vem mantendo contato com os não indígenas a muito tempo, provavelmente desde o período colonial com a presença dos bandeirantes com o objetivo de escravizar e dos padres capuchinhos com o intuito de catequizar e integrar à sociedade dos homens colonizadores. O estudo da ortografia da língua karaja realiza-se nas escolas indígenas karaja de modo contextualizado, ou seja, na sabedoria do povo que fala. Considera-se a o ensino do karaja para as crianças nas escolas fundamentando na ideia que a língua materna sempre será a mais importante, mesmo quando em algumas aldeias é aprendida pelas crianças em segundo lugar, ou seja, depois do português. É importante que esta concepção sociológica da linguagem esteja bem atendida pelos professores indígenas pois favorece a construção de uma metodologia que permite às crianças adquirirem a língua materna milenar por meio de investigações culturais. A diversidade linguística produzida pelas comunidades karaja é considerada no debate da ortografia, assim como o bilingüismo, os empréstimos linguísticos e a criação de novas palavras. A ortografia é uma ferramenta, vitalidade infalível no embate a invasão linguística no meio do mundo globalizado em que vivemos. No seminário falarei mais sobre as histórias da ortografia, sons vocálicos existentes na língua karaja, sons consonantais gramática pedagógica karaja.

**14:40h – 15:00h** Jurandir Zezokiware; Ana Paula Brandão

### ***Fortalecimento da Língua Haliti-Paresi através do Ensino na Escola da Comunidade Wazare***

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência de ensino para o fortalecimento da língua Haliti-Paresi na comunidade Wazare, da etnia Paresi, localizada no Estado do Mato Grosso. Segundo Cruz & Quintino (2021), são faladas 30 línguas indígenas no Mato Grosso, sendo que nenhuma se encontra em um

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

estado total de segurança com relação ao grau de vitalidade. No geral, a língua Haliti-Paresi encontra-se em um grau de vulnerabilidade, pois a maioria da população das comunidades é bilíngue em língua indígena-português. Porém, nas comunidades Bacaval e Wazare, a situação é de língua gravemente ameaçada, já que há apenas uma geração mais velha que fala a língua, os pais entendem, mas não falam com os filhos. Não usaremos o termo revitalização como proposto por Amaral (2020), pois o próprio povo não considera que sua língua precise ser revitalizada, preferimos usar o termo “fortalecimento”. A preocupação com a valorização e manutenção da língua Haliti-Paresi na comunidade Wazare levou à elaboração de um projeto de ensino da língua na escola, que conta com a participação de professores de outras comunidades. O autor principal, que mora na comunidade Rio Formoso, contará sobre sua experiência dando aulas nesse projeto. Entre as dificuldades encontradas durante as aulas estão a de escolher a metodologia a ser utilizada para ensinar o Paresi como segunda língua e a falta de materiais para uso em sala de aula. Uma outra complicação é que os alunos entendem a língua, mas possuem muita dificuldade em falar, principalmente porque o pouco contato que eles têm é com a fala da variedade minoritária quase extinta chamada Kaziniti-Waimare. O projeto tem dado bons resultados, pois os alunos estão conseguindo já falar algumas expressões e a língua vem ganhando cada vez mais contextos de uso na comunidade, como no ambiente familiar e nas redes sociais.

**15:00h – 15:20h** Liliana Paredes Moreno

## ***Alfabetizados ou Letrados? Práticas de Letramento em Contexto Indígena***

O presente trabalho tem como objetivo discutir as novas práticas sociais de letramento na língua guarani, especificamente três variantes que atualmente são faladas em uma universidade indígena no Chaco boliviano; Ava, Izoceño e Simba Guarani; considerando as dificuldades pelas que as línguas indígenas passam quando são imersas no universo da escrita. Este trabalho formou parte de uma pesquisa para mestrado desenvolvida de 2017 a 2019 para o Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos da UFMS. A metodologia da pesquisa teve características de estudo etnográfico qualitativo, com instrumentos de coleta de dados como questionários, caderno de campo, entrevistas semiestruturadas, métodos de observação e análise de material escrito. Do ponto de vista teórico, o estudo é justificado na área de Linguística Aplicada e baseia-se em estudos sobre escrita indígena realizados por D'ANGELIS (2005, 2021) MÈLIA, (1998), sobre letramento (crítico) por STREET (1984), NINCAO (2003, 2008), MENEZES DE SOUZA (2011), e teorias sobre identidade étnica e linguística segundo CAVALCANTE & MAHER (2011). Parte dos resultados mostrou que, embora haja produção escrita em língua indígena, elas são insuficientes considerando o nível universitário a que está destinada, e isso leva a uma prática de letramento de produtividade lenta; apesar disso, havia uma perspectiva encorajadora sobre o futuro da escrita em Guarani. Da mesma forma que se observou como as práticas de letramento no Guarani acontecem, foi possível observar que apesar das adversidades que passam, podem promover transformações que levem ao desenvolvimento de novas políticas linguísticas para evitar o deslocamento da língua guarani pelo espanhol, e contribuir para sua revitalização.

**15:20h – 15:40h** Bernat Bardagil; Edivaldo Lourival Mampuche; Tupy Mÿky

## ***Manoki e Mÿky: Uma Língua, Duas Realidades***

A língua mÿky é uma língua isolada falada no alto Tapajós, no noroeste mato-grossense. Dois povos indígenas falam variedades diferentes da língua, e apresentam também situações sociolinguísticas diferentes. No povo Manoki, o coletivo Watjuho Ja'a criado em 2019 tem como objetivo a retomada da língua dos manoki, falada hoje por 4 anções, entre os mais jovens da comunidade. No povo Mÿky, a variedade própria da língua é falada pelos membros de todas as idades da comunidade, de umas 100 pessoas.

Essa palestra vai apresentar a iniciativa para a retomada da língua manoki fundamentada em quatro bases: (a) um projeto de documentação linguística e cultural na comunidade manoki, em parceria com membros da comunidade mÿky; (b) as atividades produzidas pelo coletivo Watjuho Ja'a; (c) a retomada de elementos

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

culturais de transmissão oral, como a música instrumental, a dança e os cantos, e (d) os materiais escritos e multimídia produzidos entre professores das comunidades Manoki e Mÿky.

Também será discutido a história e a situação atual da língua nas duas comunidades, e a importância da manutenção e retomada da língua nos dois contextos.

**SESSÃO 7, sexta-feira, dia 25 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h**

**Auditório Setorial Básico I, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** João Tsaputai Rikbakta; Juarez Paimy Rikbakta; Vanildo Bibiu Rikbakta; Idinei Zotsitsa Rikbakta; Morais Rikbakta; Antônio Penuta Rikbakta; Duino Rikbakta; Léia de Jesus Silva; Roberta Pires de Oliveira; Bianca Maria de Souza e Vitória Maria Jasper Ern

### ***Do Internato do Uitiariti aos Dias de Hoje: Causas e Consequências do Enfraquecimento Linguístico Vivenciado pelos Rikbaktsa (Macro-Jê)***

Foram muitos os fatores que levaram ao atual estado em que a língua Rikbaktsa se encontra hoje, o contato com os não indígenas e o internato Uitiariti foram os principais deles. Aqui pretendemos discutir a importância da nossa língua materna para nós e as consequências que estamos sofrendo há muitos anos em razão do enfraquecimento dela.

A metodologia que estamos usando é a nossa percepção do que está acontecendo entre nós e a nossa discussão coletiva sobre esse assunto. O referencial teórico que usamos é o conhecimento que temos da nossa realidade e da nossa história.

A nossa língua materna é e vai continuar sendo o Rikbaktsa. O Português ganhou espaço depois do Internato Uitiariti, para onde foram levadas crianças Rikbaktsa e de lá elas retornaram falando apenas Português. Os desafios que estamos enfrentando por conta do enfraquecimento da nossa língua estão em todos os lugares do nosso cotidiano; eles são intraculturais e interculturais. Dentro do nosso povo, jovens e anciãos estão mais distantes, porque a língua tem sido uma barreira para a comunicação e para a transmissão de práticas culturais que se fazem principalmente através da língua materna, como a festa do gavião real, por exemplo. Quando a língua materna perde espaço, as práticas culturais próprias do povo Rikbaktsa também se enfraquecem e perdem espaço para práticas relacionadas ao português, como ver televisão e internet. Os desafios que enfrentamos em relação a outros povos é que sentimos medo de perdermos nossas terras se no futuro não tiver falante do nosso idioma. Nós também sentimos preconceito dos não indígenas e até dos indígenas quando não sabemos falar a nossa língua. Nós queremos terminar dizendo que o enfraquecimento linguístico que estamos vivendo não foi provocado por nós, mas somos nós Rikbaktsa que vamos fazer a retomada da nossa língua materna.

**14:20h – 14:40h** Altaci Corrêa Rubim; Laura Sheine Rubim de Souza

### ***Ensino e a Aprendizagem da Língua Kokama no Centro de Ciências e Saberes Tradicionais Kokama Lua Verde em Manaus/AM***

A caminhada do fortalecimento das línguas indígenas em Manaus é resultado de iniciativas de projetos produzidos pelas comunidades e pela Gerência de Educação Escolar Indígena de Manaus. O presente estudo tem como objetivo relatar o trabalho realizado com os alunos de 2 anos de idade a adultos de 24 anos, no Centro de Ciências e Saberes Tradicionais Kokama Lua Verde. Eles aprendem a língua e a cultura Kokama

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

por meio de histórias contadas por anciãos da comunidade, de forma dinâmica, lúdica e criativa. Esse processo fortalece a identidade e a vitalidade da língua. Nesse sentido, é de suma importância todo o processo de preparação para a contação de histórias que inicia com os Ikaros (música espiritual), que exploram a audição e a atenção dos aprendizes. A contação de história como ato de resistência e fortalecimento da identidade Kokama também é retirada de livros didáticos do próprio povo. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico MINAYO (1994), por descrever o universo cultural de um povo originário. O estudo está fundamentado em BRAMOVICH (1997), pois ouvir história é sempre um ato prazeroso; BUSATTO (2006), a leitura como ferramenta para o desenvolvimento linguístico das crianças; RCNEI (1998), a leitura de histórias é uma fonte de aprendizagem novos léxicos de uma língua.

**14:40h – 15:00h** Maria da Conceição Vasconcelos Pereira; Sidney Facundes  
***Narrativas Apurinã Ilustradas: Proposta Didático-Pedagógica para Fortalecimento da Língua Apurinã***

Este trabalho apresenta um recorte do texto base da tese de doutorado em estudos linguísticos-UFPA (em andamento) provisoriamente intitulada “Vamos falar das histórias Apurinã”. Assim, para o corpus escolhido o objetivo apresentado se constitui de analisar uma narrativa coletiva Apurinã à luz dos estudos de Labov e Waletzky (1967), principalmente; propor a adaptação de referida narrativa para a forma ilustrada, em Língua Portuguesa e Língua Apurinã, como proposta didático-pedagógica para o ensino de leitura, oralidade e escrita bilíngue, com destaque para a Língua 2. A metodologia utilizada consiste em seleção da narrativa, tradução para a língua Apurinã e ilustrações do texto feitas por membros da comunidade Apurinã; construção da proposta didático-pedagógica de leitura escrita e oralidade, em parceria com professores e/ou falantes da língua nas comunidades Apurinã com sugestão de aplicação didática para o ensino e vitalização da língua Apurinã. As reflexões suscitadas pelo estudo levam-nos a considerar que as narrativas coletivas indígenas veiculam não somente o pensamento de uma época, mas também podem reproduzir a história e a língua desses povos, estas são seu maior patrimônio e por esse motivo a utilização de tais narrativas como ferramenta de estudo de leitura, escrita e oralidade de Língua 2 é tão importante. A proposição como estudo acadêmico caminha na perspectiva dos estudos linguísticos, consolidando-se como uma sugestão para o ensino e fortalecimento da respectiva Língua 2 (Apurinã) nas comunidades Apurinã. A proposta sustenta-se na perspectiva dos estudos teóricos de Biber (1988) Labov e Waletzky (1967), Marcuschi (2001/2008), Travaglia (2003/2007), Ginzburg (2008), Agambem (2004/2005/2007), Bourdieu (1983), Bosi (1986) e Giroux (1986,1997).

**15:00h – 15:20h** Chang Whan  
***A Experiência Prodoclin - Projeto de Documentação de Línguas Indígenas - 10 Anos de Pesquisa e Documentação de Línguas Indígenas, Produtos e Resultados***

O ProDoclin – Projeto de Documentação de Línguas Indígenas - é a vertente de pesquisa e documentação de línguas indígenas do Programa de Cooperação Técnica Internacional firmado entre a Unesco e o Museu do Índio/FUNAI – ProgDoc - a partir de 2010, para documentação e salvaguarda de línguas e culturas indígenas brasileiras e transfronteiriças da região amazônica. Apresentaremos as principais ações desenvolvidas pelas equipes de trabalho constituídas por pesquisadores linguistas e membros das comunidades indígenas como bolsistas/pesquisadores indígenas em formação. Os resultados alcançados e os produtos produzidos desde o início das atividades há mais de 10 anos serão também apresentados.

Primeira fase: pesquisa e documentação visando a salvaguarda linguística Segunda fase: pesquisa e documentação visando a revitalização de línguas indígenas através de produção de materiais didáticos e paradidáticos. Terceira e atual fase: pesquisa e documentação visando revitalização de línguas indígenas através da produção de dicionários multimídias publicados na Plataforma Japiim desenvolvida pelo projeto.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

**15:20h – 15:40h** Vanessa Sagica; Cristine G. Severo; Beatriz Oliveira  
***Dos Sentidos de Vitalidade: Revisando o Atlas das Línguas em Perigo (UNESCO) à Luz de Experiências Indígenas Locais***

Neste trabalho buscamos analisar e problematizar os sentidos de vitalidade presentes no Atlas das línguas em perigo da UNESCO (1996). Essa discussão importa na medida em que a proposta tipológica e classificatória da UNESCO tem sido amplamente utilizada no âmbito das políticas de revitalização das línguas indígenas, no Brasil e no exterior. O Atlas foi elaborado com o objetivo de aumentar a conscientização sobre as línguas em perigo e salvaguardar a diversidade linguística, além de ser uma ferramenta de monitoramento do status das línguas em extinção e das tendências relacionadas à diversidade linguística a nível global. Ressaltamos a importância de um olhar crítico e contextualizado sobre os sentidos de vitalidade que perpassam a avaliação sobre a situação das línguas consideradas “em perigo”. Atentamos, especialmente, para as categorizações envolvendo os “graus de perigo” em relação aos nove fatores avaliativos indicados pelo Atlas. A nossa problematização considera, conforme Lupke (2017), que os sentidos de vitalidade das línguas devem considerar quatro pilares: 1) investigação das práticas comunicativas em espaço geográfico ou ecossistema linguístico significativo; 2) investigação sobre como essas práticas comunicativas são nomeadas e reificadas, e quais ideologias e perspectivas resultam da prática de nomeá-las; 3) estudo das funções indexicais do uso da linguagem e línguas como representações ideológicas; 4) pesquisas sobre as diferentes dinâmicas de poder, perspectivas e ideologias de falantes e pessoas de fora desses contextos. A título de ilustração, apresentamos alguns os sentidos de vitalidade a partir de experiências linguísticas dos povos Macuxi e Wapichana (norte do Brasil) e Guarani (Sul do Brasil), a fim de ilustrar como esses pilares ajudam a expandir criativa e produtivamente os sentidos de vitalidade e de revitalização para além do sistema classificatório indicado pelo Atlas.

**SESSÃO 8, sexta-feira, dia 25 / Nov / 2022, 14:00h – 16:00h**

**Auditório Setorial Básico II, Universidade Federal do Pará, Campus Guamá**

**14:00h – 14:20h** Manoel Antônio de Oliveira Silva; Ana Paula Santos Rodrigues  
***Os Cantos Xakriabá e a Retomada da Língua Akwén***

O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões, na porção norte de Minas Gerais. Como o próprio nome da localidade indica, essa região sofreu, desde o fim do século dezessete, com uma forte presença missionária e de colonização da terra, gerando uma longa perseguição à cultura Xakriabá e a sua língua originária, o akwén, do tronco macro-jê. Após intensos conflitos ocorridos ao final da década de 1980, que culminaram com o assassinato de cacique Rosalino e seus parentes José Santana e Manoel Fiúza, o território foi homologado e os Xakriabá iniciaram um processo de levantamento da cultura. A retomada do akwén faz parte deste processo. Este trabalho discute as estratégias de revitalização linguística empreendidas pelo povo Xakriabá, com foco nos cantos, que são o lócus de maior vitalidade do akwén. Utilizamos como método a etnografia, que nos permite compreender a emergência da língua originária no território, tanto no dia a dia quanto em momentos rituais.

**14:20h – 14:40h** Mônica Veloso Borges  
***Documentação de Pluriepistemologias de Povos Indígenas: A Ação ‘Saberes Indígenas na Escola’ (Núcleo UFG)***

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

Pretendo apresentar e tecer reflexões sobre o material didático produzido pelos/as pesquisadores/as indígenas da Ação “Saberes Indígenas na Escola”, do Núcleo UFG, Rede UFG/UFMA/UFT, coordenada por mim. Trata-se de onze livros, em fase de edição, que documentam as pluriépistemologias dos povos Apyãwa (Tapirapé), Iny (Karajá e Javaé), Tenetehara (Guajajara) e Akwe (Xerente), compondo o Núcleo UFG, com a meta de valorizar as línguas e culturas desses povos. São: a) um livro Iny/Karajá, sobre Epistemologia Iny; b) dois livros Iny/Javaé, sendo um sobre as curvas e as praias do rio Javaé (Ibòkò/Ibòò Bero Ni Mahādú) e outro sobre os animais dos três níveis cosmológicos; c) um livro Tenetehara, sobre a importância do meio-ambiente para esse povo; d) dois livros Akwe, sendo um sobre Ciências da Natureza a partir dos saberes Akwe e outro sobre o papel e os trabalhos da mulher na sociedade Akwe (Pikō Nōri – Mulheres Akwe); e e) cinco livros Apyãwa, sobre alimentação tradicional Apyãwa (Apyãwa Remi’o Xirōwera); Mitos Apyãwa (Apyãwa Paragetã); Alfabetização Apyãwa (Xemaryj’ygãwa pe ma’ema’e re xema’eãwa.); Palavras Novas da Língua Apyãwa (Xanexe’egyao); e um pequeno dicionário da Língua Apyãwa (Apyãwa Xe’ega - Maira Xe’ega pe). Esses livros foram escritos por professores/as de diversas escolas desses povos, incluindo os/as pesquisadores/as da Ação, e são monolíngues nas respectivas línguas indígenas ou bilíngues nas línguas indígenas e em português, conforme a decisão de cada grupo de pesquisadores/as, considerando-se a situação sociolinguística de cada aldeia. Esses livros têm por objetivo documentar as pluriépistemologias ancestrais desses povos, para que sejam utilizados como material didático nas escolas das diversas aldeias, nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

**14:40h – 15:00h** Sâmela Ramos da Silva Meirelles

### ***A Reinscrição de uma Língua Destituída: O Nheengatu no Baixo Tapajós***

O presente trabalho é resultado da nossa pesquisa doutoral e se concentra no campo de estudo de revitalização e retomada linguística de línguas indígenas, e tem como objetivo compreender a reinscrição do Nheengatu a partir de um conjunto de memórias, discursos e práticas erigidas pelos povos do Baixo Tapajós, no Oeste do Estado do Pará. Há mais de vinte anos, essa região tem uma intensa mobilização étnica, contando atualmente com 13 povos, mais de 8 mil indígenas, 70 aldeias e 18 territórios em diferentes etapas do processo de reconhecimento e demarcação. A produção de conhecimento foi desenvolvida por meio do paradigma da metodologia colaborativa em diálogo com um grupo de pesquisadoras-colaboradoras, composto de mulheres militantes do Movimento Indígena do Baixo Tapajós. O corpus é constituído por textos das entrevistas, das oficinas e das interações no grupo de pesquisadoras-colaboradoras; por um conjunto de itens lexicais que compõe o repertório linguístico que verificamos e levantamos nas oficinas; e pelos significados culturais produzidos a partir desse conjunto lexical. A reinscrição do Nheengatu como língua étnica frente à paisagem linguística considerada monolíngue nessa região é tomada como uma ação política diante dos discursos de extinção e de silenciamento de suas coletividades e epistemologias. Trata-se de um projeto contra-hegemônico de autoafirmação de coletividades indígenas, de reconstituição de uma memória ancestral e da afirmação da continuidade de modos de ser e relações ancestrais por meio da rememoração e ressignificação de práticas linguísticas e culturais. Assim, ao mesmo tempo que os povos do Baixo Tapajós se reinscrevem como indígenas, reinscrevem o Nheengatu como língua ancestral.

**15:00h – 15:20h** Amanda Medeiros Costa de Mesquita; Victor Hugo da Silva Coelho

### ***O Processo de Revitalização do Nheengatu no Estado do Amazonas***

As discussões desenvolvidas acerca do tema revitalização linguística, durante a disciplina de Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará em 2021, resultaram no presente trabalho que tem por objetivo discutir sobre algumas iniciativas do processo de revitalização do Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica (LGA), em curso no estado do Amazonas. Primeiramente, realizamos uma breve apresentação da língua Nheengatu e dos fatores históricos que



# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

concorreram para o seu processo de desaparecimento/enfraquecimento na região amazônica (NAVARRO, 2012). Em seguida, apresentamos algumas dessas práticas, baseados nos trabalhos de Silva (2013), Lima e Martins (2017), que abordaram, respectivamente, aspectos acerca do processo de co-oficialização do Nheengatu e das línguas Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira junto ao português, e as ações educacionais implementadas na comunidade Pisasú Sarusawa para a revitalização linguística do Nheengatu, além de informações retiradas de sites jornalísticos e acadêmicos, e refletimos como essas ações se relacionam com o que há na literatura sobre revitalização linguística até então (AMARAL, 2020). Traçando este panorama geral do processo de revitalização da língua nestas regiões do Amazonas, esperamos contribuir para a sua catalogação, bem como para o alavancamento do conhecimento e da produção científica da área de estudos e de pesquisa sobre revitalização linguística ainda pouco explorada no Brasil.

**15:20h – 15:40h** Luiz Carlos Lages

## ***Um Olhar sobre os Desafios das Políticas Linguísticas para os Povos Originários da Venezuela no Brasil***

A apresentação abordará a implementação de iniciativas de preservação e revitalização linguística no contexto da migração de povos originários da Venezuela para o Brasil, especificamente daquelas desenvolvidas dentro e a partir da inserção desses indígenas enquanto alunos nas escolas públicas brasileiras acompanhados por monitores e/ou professores indígenas na qualidade de educadores interculturais. A metodologia utilizada é composta por revisão bibliográfica do tema da revitalização de línguas indígenas e do direito à educação intercultural no Brasil, bem como da recente onda migratória indígena da Venezuela para o Brasil, com um enfoque nos povos Warao e Taurepang. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas modalidades presencial e a distância com professores, lideranças e outros membros das comunidades escolares desses povos. Alguns dos resultados demonstram que apesar das comunidades dos povos Warao e Taurepang estarem no Brasil na condição de migrantes e refugiados, há a existência de desafios comuns também vivenciados por povos indígenas brasileiros para a implementação de projetos de preservação e revitalização linguística em escolas da rede pública, mesmo em um cenário onde há abundância de professores e sábios. O encontro entre o sistema de educação pública brasileira e as demandas e necessidades educacionais e linguísticas dos povos Warao e Taurepang evoca novas e velhas formas do racismo anti-indígena na educação pública brasileira, vivenciadas no cotidiano de alunos, pais, e professores, tais como a dificuldade de oferta de políticas públicas interculturais nas cidades, mas que de onde surgem novas frentes de transformação de relações já engessadas, reatualizadas diante da luta por educação e preservação linguística e cultural desses povos.

## SESSÕES DE PÔSTERES

**SESSÃO P1, quinta-feira, dia 24 / Nov / 2022, 16:30h – 17:30h**

**Hall do prédio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), 1º e 2º andar**

**No. Autores**

**Título do trabalho**

1 Nivaldo Tapirapé

***Takãra: O Centro da Difusão da Linguagem Especializada***

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

### No. Autores

### Título do trabalho

O presente trabalho tem como propósito apresentar resultados preliminares da pesquisa sobre a importância da Takãra (casa cerimonial) como espaço central de difusão da linguagem especializada que ocorre nos rituais, nas regras de organização de eventos e nas narrativas ancestrais. O conhecimento dessa linguagem especializada é fundamental para vitalização, manutenção e fortalecimento da epistemologia sociocultural do povo, já que a takãra é a casa de sapiência do povo Apyãwa. Segundo nossos sábios, a Takãra é essencial desde a sua ancestralidade, espiritualidade para as práticas culturais, de saberes Apyãwa. Além disso, a pesquisa traz reflexões importantes para que se possa valorizar e fortalecer ainda mais a Takãra, oportunizando esse conhecimento especializado às lideranças cerimoniais das novas gerações. Nesse sentido, esperamos que a pesquisa possa contribuir também com os trabalhos desenvolvidos na escola junto às crianças e jovens Apyãwa, fundamentando a iniciativa das práticas socioculturais milenares da comunidade. Para a realização dessa pesquisa, contamos com parcerias valiosas dos (as) anciões (ãs), “biblioteca viva” do meu povo Apyãwa, que tem muito conhecimento sobre o tema, além das pesquisas bibliográficas e etnográficas do povo Apyãwa. Os principais métodos utilizados foram, participação nas atividades culturais nas aldeias, atividades escolares, participação das conversas noturnas na Takãra e entrevistas semiabertas com anciãos/anciãs.

- 2 Ana Claudia Gadelha da Silva; ***O Léxico da Festa da Moça do Povo Tembé-Tenetehára:***  
Tabita Fernandes da Silva ***Ensino de Língua e Revitalização***

O presente trabalho insere-se no campo dos estudos do léxico e tem como proposta o levantamento lexical de aspectos do rito de passagem da Festa da Moça, realizado pelo povo Tembé-Tenetehára, como uma estratégia para o ensino da língua. O povo Tembé vive em aldeias localizadas na região do Gurupí e na região do Guamá, no estado do Pará. A língua Tembé, como tantas outras línguas indígenas brasileiras, necessita de ações que reforcem sua manutenção e continuidade. Este trabalho vai ao encontro dessa necessidade. Assim, por meio do levantamento e registro do léxico da Festa da Moça, rito ainda praticado pelo povo, pretende-se prover material que sirva ao ensino da língua Tembé nas escolas indígenas em uma proposta que integra língua e cultura. Para tanto, realizamos pesquisa de campo junto ao povo Tembé do Gurupí, assim como recorremos a estudos sobre o povo Tembé-Tenetehára entre os quais: Wagley e Galvão (1961); Rodrigues, 1986; Rodrigues e Cabral (2000); Gomes, 2002; Silva, 2010; Sales, 2000; Ponte (2014). Sobre o léxico, Biderman (1996), Barbosa (1993), Faulstich (2001); sobre ensino de língua indígena, Monserrat (2001), Fargeti, 2005) e manutenção de língua a partir de Hinton e Hale (2001). Compreendemos que o ensino do léxico relacionado às práticas culturais de um povo tem grandes chances de fazer sentido, sobretudo nos contextos em que a língua requer esforços para continuar ativa.

- 3 Rogério Vicente Ferreira; ***A Expansão Lexical em Marubo e Matis (Família Pano):***  
Varin Marubo (Nelly Barbosa Duarte Dollis) ***Uma Contribuição para Manutenção Linguística***

A expansão do léxico é decorrente do contato das sociedades. A experiência do contato vivida pelas sociedades indígenas traduz-se, linguisticamente, de modos extremamente variados. Existem situações diferentes, nas quais algumas sociedades resistem à introdução de objetos em sua vida cotidiana, bem como ao empréstimo no léxico de seu idioma. Os matis (mt) e os marubos (mb), ambos da família linguística Pano, não resistiram, como é comum na situação de contato, aos empréstimos e as criações lexicais (neologismos). Hoje em dia possuem uma relação bastante próxima com as pessoas que moram

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

No.	Autores	Título do trabalho
		<p>em regiões próximas a sua aldeia o que tem ampliado o surgimento de palavras novas entre estes povos, principalmente o fato de vários jovens estarem estudando em escolas da cidade de Atalia do Norte (AM). Isso vem ao encontro de que Alves coloca, "o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova." (1990: 05). A escolha de trabalhar com estas duas línguas vem do fato dos marubo sempre terem sido o elo entre o conhecimento do não indígena para os matis. Com isso, foi feito um levantamento comparativo das criações lexicais de forma encontrar um paralelo entre algumas situações morfológicas como, por exemplo, as incorporações nominais, em ambas as línguas verificou-se que na palavra &lt;chapéu&gt; há a incorporação ma- "cabeça" nos neologismos de ambas as línguas, ma-tonkete (mt) e ma-iti (mb), com isso é possível perceber que mesmo na criação lexical a estrutura morfológica que caracterizam as línguas da família Pano se mantem. O levantamento realizado foi feito diretamente com os falantes destas línguas. Compreender a estrutura da criação lexical, motivação e seu papel social, vem ao encontro da busca que estes povos vêm fazendo para a construção de materiais didáticos e a construção de uma gramática pedagógica.</p>
4	Clédson Mendonça Junior	<b><i>Aspecto Lexical e Ensino: Contribuições da Descrição Linguística para a Manutenção da Língua Mebêngôkre (Kayapó) em São Félix Do Xingu – PA</i></b>
		<p>A língua Mebêngôkre (Kayapó) é cooficial no município de São Félix do Xingu, no Pará. Entre as diretrizes da lei n.º 571/2019 está o ensino da língua nas escolas municipais da rede pública. Dada a pequena quantidade de materiais publicados sobre essa língua minoritária, a presente pesquisa busca preencher uma lacuna importante sobre o seu conhecimento linguístico. O objetivo foi descrever como essa variedade Mebêngôkre realiza as distinções aspectuais entre as classes acionais propostas por Vendler (1957), com base na Semântica Formal e na literatura sobre o fenômeno (GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2018). Através da elicitación controlada (SANCHEZ-MENDES, 2014), sentenças foram traduzidas por falantes bilíngues (Kayapó-português) e confirmadas em testes consagrados quanto à aceitabilidade e interpretação de sentidos. A metodologia não apenas confirmou a hipótese de que a língua realiza a distinção entre as classes, como também, atesta a existência delas em uma língua com características gramaticais distintas das tradicionalmente estudadas na academia, como as românicas e as germânicas. Os estudos têm aplicação relevante para a descrição da língua e a confecção de uma gramática que contribua para a produção de materiais de ensino e referência nas escolas, fatores determinantes para a implementação da lei de cooficialização, manutenção da língua e cultura Mebêngôkre.</p>
5	Daiane Fernandes Braga; Tabita Fernandes da Silva	<b><i>Corpo Humano e Práticas Culturais Indígenas: Ensino do Léxico em Contextos de Revitalização</i></b>
		<p>O presente trabalho propõe o ensino do léxico como estratégia de fortalecimento da língua indígena Tembé-Tenetehará e, no caso deste trabalho, o léxico referente a partes do corpo em diálogo com práticas corporais da cultura desse povo. O povo indígena Tembé-Tenetehára habita no estado do Pará. Parte desse povo é falante da língua, enquanto outra parte tem empreendido esforços para retomá-la. O ensino do léxico associado a práticas culturais, tem como finalidade colaborar para a revitalização linguística e cultural. Diante disso, o ensino do léxico de partes do corpo visa situar significados de práticas corporais, buscando reforçar tanto a manutenção da língua, quanto da cultura, a fim de que o</p>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

No.	Autores	Título do trabalho
		<p>ensino do léxico dialogue com os sentidos e significados vinculados à manifestação corporal em práticas culturais como dança, grafismos corporais, indumentária em razão de que a língua e a cultura de um povo são inseparáveis. Para o desenvolvimento deste estudo, valemo-nos de pesquisa de campo, bem como de um referencial teórico que reúne estudos que contemplam os seguintes eixos: sobre o povo Tembé-Tenetchára (WAGLEY E GALVÃO, 1961; RODRIGUES, 1986; GOMES, 2002; SILVA, 2010; SALES, 2000, PONTE, 2014); sentido e significado das práticas corporais (ALMEIDA E SAUSSUNA, 2010); léxico e vocabulário fundamental (BIDERMAN, 1996); léxico e ensino de língua (OSÓRIO E SIMÕES, 2014 ) e revitalização linguística (HINTON E HALE, 2001), entre outros. Entende-se a grande relevância do ensino do léxico de partes do corpo por meio das práticas corporais como reforço para a manutenção da língua viva.</p>
6	Simone Cristina Menezes Martins	<p><b><i>Dicionarização na Língua Wai Wai: Proposta de um Dicionário Temático como Estratégia para a Manutenção da Língua</i></b></p> <p>Há muito tempo, os povos indígenas enfrentam vários entraves para a manutenção e fortalecimento de suas culturas e línguas e ao longo deste tempo, buscam formas de valorização e fortalecimento da língua; um meio encontrado foi a conquista de escolas criadas dentro das próprias aldeias. Uma segunda opção deste fortalecimento das línguas, foi por meio de iniciativas relacionadas à documentação e registro seja ele escrito ou audiovisual dos saberes e da língua destes povos. É fato corrente a preocupação de muitos linguistas com um número considerável de línguas em perigo de extinção. O silenciamento das línguas não é isento de consequências: perde-se a língua e perde-se o principal fator de constituição da identidade de um povo. A língua guarda saberes milenares e constitui a identidade e a relação de alteridade de um povo. É o investimento em ações afirmativas em torno de uma política de preservação que podem auxiliar neste processo, um deles é a criação de dicionários, segundo o linguista Sylvain Aurox (1992). O dicionário tem exercido importante papel no processo de ensino e aprendizagem na escola, assim, o dicionário temático Wai Wai/Português, destinado a turmas de sexto ano da Aldeia Mapuera (lugar que desde 2015, me oportunizou muito aprendizado e a iniciação deste trabalho, inclusive na criação de materiais contextualizados), como ferramenta de fortalecimento e aprendizado, ajudará nesta ação. Na Escola da Aldeia Mapuera os professores indígenas encontram dificuldades em localizar materiais didáticos que estejam voltados para o público indígena, e ainda, os alunos sentem-se desmotivados em aprender o conteúdo de segunda língua, pelos mesmos motivos. Daí a importância de ressignificar o dicionário (construção em andamento), com o objetivo do fortalecimento da língua.</p>
7	Thiago Blanch Pires	<p><b><i>Uma Proposta de Desenvolvimento de um Corpus da Língua Asuriní do Trocará Etiquetado Morfossintaticamente</i></b></p> <p>É notório que o desenvolvimento de ferramentas e recursos linguísticos é parte fundamental para a revitalização das línguas indígenas brasileiras. Contudo, nota-se uma escassez de recursos, tais como corpora etiquetados morfossintaticamente. Essas coletâneas de textos autênticos disponíveis em formato eletrônico, enriquecidas por etiquetas morfossintáticas da língua permitem, por exemplo, a implementação de etiquetadores em programas voltados para o ensino, pesquisa e difusão da língua Asuriní do Trocará. Assim, neste trabalho lança-se mão, especificamente, de Alencar (2021) e</p>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

## No. Autores

## Título do trabalho

Alexandre et. al. (2021) como aporte teórico-metodológico para o desenvolvimento do corpus etiquetado, e de Cabral et. al. (2012) e Cabral e Rodrigues (2003) como subsídio gramatical e lexicográfico para compilar um corpus da língua Asuriní do Trocará com etiquetas morfossintáticas. O texto que constitui o corpus é o “Livro de Relatos Asuriní 2” (Asuriní et. al., 2007). As etapas metodológicas compreendem o estabelecimento de um inventário de etiquetas das classes de palavras, passagem dos itens por um processo de tokenização, e definição das entradas em uma instância de estrutura de dados de dicionário, realizada por meio da utilização da linguagem de programação Python. O estudo se encontra em andamento e é realizado em colaboração com o LALLI-UnB e o grupo de pesquisa CompLin (UFC), contribuindo cada qual em sua área na pesquisa. Os achados informam alguns avanços e limitações no desenvolvimento deste recurso, contribuindo, para as pesquisas acerca do processamento de línguas indígenas brasileiras, mas sobretudo para a vitalidade e salvaguarda da língua Asuriní do Trocará em meio digital.

8 Waraxowo’i Maurício  
Tapirapé

### *Políticas Linguísticas por Meio dos Processos de Formação das Novas Palavras do Povo Apyãwa*

Neste trabalho eu pretendo apresentar o resultado dos processos de formação de novas palavras na língua materna do povo Apyãwa, que vive no município de Confresa, no extremo nordeste do estado de Mato Grosso, com o objetivo de fortalecer o uso de nossa língua na oralidade e nas escritas. Outro objetivo é analisar criticamente as situações de uso de algumas palavras do português, os quais ocupam os espaços da língua materna nas falas do dia a dia das pessoas na comunidade. E por meio do desenvolvimento sustentável da nossa política linguística dentro da aldeia, junto com a comunidade, nós como o povo Apyãwa/Tapirapé, sempre buscamos um meio de ensino para lutar pela qualidade da educação. Os métodos que utilizamos nas oficinas, ou nos seminários, são: discutir as criações de novas palavras entre os professores, socializar a criação de novas palavras com a comunidade; ensinar os conhecimentos na sala de aula, avaliar a situação de uso da língua em relação aos processos de formação de novas palavras, observar; pesquisar, incentivar o uso das novas palavras; contribuir e compartilhar a responsabilidade de trabalhar o uso da nossa língua materna na escola e na comunidade. Como resultados, esperamos envolver todo o povo Apyãwa nas atividades, defendendo a vida da nossa língua, pois essa política linguística foi aceita pela comunidade Apyãwa com muito sucesso na oralidade e na escrita para fortalecer o uso da nossa língua materna, evitando o da língua portuguesa na comunidade.

9 Gilson Tapirapé

### *A Importância da Takãra para Valorização da Língua e Linguagem na Cultura Apyãwa*

Pretendo apresentar resultados da minha pesquisa de Mestrado em Letras e Linguística, na UFG, intitulada Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa, realizada a partir de vivência junto ao meu povo Apyãwa, habitante da Terra Indígena Urubu Branco, situada na Região do Médio Araguaia, Mato Grosso. O propósito é apresentar a importância da Takãra para manutenção das epistemologias linguísticas, como símbolo da sobrevivência cultural e linguística do povo, no que diz respeito aos saberes sobre organização social, cantos, rituais e conexão com o mundo sobrenatural, uma vez que o local, segundo explicação cosmológica, é o espaço de vivência dos Axyga “Espíritos”. Como dizem os sábios, lugar de concentração de Xane’yga ‘Nossos Espíritos’. São aqueles com os quais interagimos e coexistimos, de

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

### No. Autores

### Título do trabalho

modo especial, durante todos os períodos de rituais em uma relação cósmica e dialógica. A comunicação entre Apyãwa e Axyga gira em torno da espiritualidade, que ocorre por meio de sinais e manifestações simbólicas da natureza, por nós interpretados como linguagens cósmicas. São linguagens que, de certo modo, garantem o bem estar do povo e a vida harmoniosa com mundo cosmológico.

Este estudo traz conjuntos de reflexões sobre a Takãra e conhecimentos linguísticos, interpretados a partir do fluxo do discurso social Apyãwa, que expressam conhecimentos produzidos a partir de diferentes modos de se relacionar com o mundo. Foram realizadas entrevistas com sábios, professores e lideranças em duas aldeias Apyãwa, além da participação em atividades culturais nas aldeias, atividades escolares, participação das conversas noturnas na Takãra, onde são abordados assuntos e problemas relacionados ao povo e às biodiversidades do território Apyãwa.

- 10 Isabella Coutinho Costa; Josué Santos *Site Povos Indígenas de Roraima: Divulgar para Valorizar*

Roraima é o segundo estado brasileiro com maior população indígena proporcional. Em seu território habitam mais de 10 povos indígenas de famílias linguísticas distintas e com línguas em estágio de vitalidade distintas também. Lá são faladas línguas da família Caribe (Makuxi, Waiwai, Ingarikó, Waimiri Atroari, Ye'kwana, Taurepang), da família Aruak (Wapichana), e da família Yanomami (Yanomae, Sanuma, Yanomami, Ninam, Yãnoma, Yanomam, Yaroamë). Mesmo com toda essa relevância a desinformação sobre os povos indígenas é muito grande. Isso se deve, em parte, à falta de acesso a informações qualificadas sobre esses povos, e tal situação é um dos fatores que leva à invisibilização dos povos indígenas, que ainda carecem de políticas públicas principalmente para documentar e ensinar suas línguas nas escolas. Com isso, e sabendo da necessidade de se ampliar e divulgar sobre os povos indígenas de Roraima, foi desenvolvido o site Povos Indígenas de Roraima ([povosindigenasrr.uerr.edu.br](http://povosindigenasrr.uerr.edu.br)) como produto de pesquisa do Mestrado em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania da UERR. Neste site estão reunidas informações sobre população, mapas com localização dos povos e informações preliminares sobre as línguas de cada povo. O site pretende ser um ambiente em construção permanente, mas atualmente todas as informações coletadas provêm de pesquisa bibliográfica. Futuramente serão acrescentadas entrevistas com os próprios indígenas, falando sobre e na sua língua, bem como cada verbete do site será traduzido para o inglês e para a língua indígena correspondente. Espera-se assim que o site contribua para ampliar o conhecimento sobre as línguas indígenas de Roraima, não apenas nos espaços acadêmicos, mas em outras esferas da sociedade, principalmente nas escolas públicas, e sirva de inspiração para outros estados que carecem de um local com informações qualificadas sobre os povos indígenas que lá habitam.

- 11 Walber Gonçalves de Abreu *Análise Fonológica Comparativa da Língua Terena de Sinais e da Língua Brasileira de Sinais*

As primeiras pesquisas com Línguas de Sinais Indígenas (LSI) surgiram a partir dos estudos sobre a LSI Urubu-Ka'apor. Desde então, estudos sobre diferentes línguas têm surgido e mostrado a realidade dos indígenas surdos que vivem nessas comunidades. Dessa feita, o presente estudo objetiva investigar as semelhanças e diferenças fonológicas dos sinais de duas Línguas: Língua Terena de Sinais (LTS) e Língua Brasileira de Sinais (Libras). As línguas de sinais são constituídas por unidades mínimas denominadas de parâmetros fonológicos, na Libras, há cinco parâmetros: configuração de mão, movimento, locação, orientação e expressão não manual (QUADROS E KARNOPP, 2004). Por sua

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

No.	Autores	Título do trabalho
		<p>vez, os estudos preliminares da LTS demonstram que os parâmetros da Libras também estão presentes na LTS (SANTOS, 2018). Para constituição do corpus, selecionamos os sinais para comparação a partir do trabalho de Santos (2018) sobre a LTS e contrastamos com os sinais da Libras a partir de um dicionário on-line. Como resultados, apontamos que o parâmetro fonológico que teve maior divergência nos sinais foi a configuração de mão, sendo esse, um dos principais responsáveis em revelar a iconicidade do sinal e assim, a LTS e a Libras revelam formas diferentes de significar culturalmente determinados conceitos. Portanto, concluímos que a LTS e a Libras são línguas que apresentam poucas diferenças fonológicas, estando presentes os mesmos parâmetros em ambas as línguas e que, as disparidades presentes nessas línguas podem se dá em decorrência do fator tempo de existência, que faz com que a LTS apresente sinais mais expansivos em comparação a Libras, que é característica de línguas de sinais jovens.</p>
12	Manoel Aldeci Junior; Clenilson Miranda de Sousa; Antônia Fernanda Nogueira	<p><b><i>Construindo um Aplicativo de Dicionário Wayoro</i></b></p> <p>Em 2021, o Museu do Índio disponibilizou online, no Google Play Store, aplicativos para celular de fácil acesso de dicionários de algumas línguas indígenas brasileiras. Isto reflete uma tendência mundial em termos de demandas das comunidades indígenas. Com a recente possibilidade de acesso à internet em pontos específicos da aldeia Ricardo Franco (Terra Indígena Rio Guaporé) e a aquisição de aparelhos telefônicos celulares, torna-se útil ao processo de revitalização da língua Wayoro – hoje com apenas duas falantes fluentes – a elaboração de recursos didáticos digitais, como um aplicativo de dicionário, para seu ensino-aprendizagem (projeto PROEX/UFPA, 2021). As primeiras entradas lexicais do banco de dados lexical da língua Wayoro no FieldWorks Language Explorer (SIL, 2021) datam de 2012, ano da publicação da proposta de grafemas para a língua (NOGUEIRA, 2012). O aplicativo está sendo desenvolvido por meio do programa Dictionary app Builder (SIL). Os dados referentes à língua Wayoro estão, em sua maioria, registrados em cadernos de campo físicos, armazenados em formato PDF, no ALIM. Como resultado do processo de digitação desses dados, temos cerca de 700 entradas lexicais e 600 sentenças para serem incluídas como exemplos das entradas lexicais. Com um layout e designer de fácil entendimento, o aplicativo dispõe de um menu em sua extremidade superior esquerda onde estão dispostas seis opções de uso do mesmo. Na opção “home”, o usuário é redirecionado ao dicionário lexical. O vocabulário é bilíngue Wayoro-Português, contudo, planeja-se também uma tradução para o Inglês. Outra meta é a inserção de arquivos de mídia, especialmente em áudio. Bovern (2016) lembra que a estrutura de um banco de dados evolui à medida que cada projeto avança. Consideramos o aplicativo como uma forma de mobilização de dados oriundos de documentação e análise linguística para um produto útil e de fácil acesso à comunidade (NATHAN, 2006).</p>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

**SESSÃO P2, sexta-feira, dia 25 / Nov / 2022, 16:30h –17:30h**

**Hall do prédio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), 1º e 2º andar**

No.	Autores	Título do trabalho
1	Thiago Gabriel Machado dos Santos; Tabita F. da Silva	<b><i>O Léxico Antroponímico no Ensino de Língua Indígena em Contexto de Revitalização</i></b>
		<p>O léxico antroponímico constitui repositório de dados a respeito da língua e da cultura de um povo, revelando a natureza e as motivações da prática de nomear indivíduos numa sociedade. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é evidenciar como o ensino do léxico antroponímico corrobora para o contexto de revitalização das línguas indígenas, especialmente, da língua do povo Tembétenehára. Este trabalho relaciona quatro eixos temáticos: Antroponímia, identidade, povos e línguas indígenas e ensino de língua indígena em contexto de revitalização. Para desenvolvê-los ancora-se, teoricamente, nos trabalhos de Hinton e Hale (2001), Dick (2000) (2001), Borges (2002), Seabra (2006), Carvalhinhos e Antunes (2007), Pina-Cabral (2008), Viegas (2008), Monsserrat (2001), Fargetti (2015), Alves e Damasceno (2017), Martins (2020) e Silvestre (2021). Ademais, dados da antroponímia Tembétenehára, obtidos a partir de pesquisa de campo desenvolvida na comunidade, somar-se-ão à abordagem teórica, a fim de demonstrar a importância do ensino do nome próprio de pessoa indígena no âmbito de fortalecimento das práticas linguísticas e culturais do grupo em questão. O trabalho reforça, portanto, a dinamicidade do ensino do léxico antroponímico no quadro de revitalização, uma vez que o estudo do nome próprio de pessoa dialoga com a prática cultural de nomear indivíduos e a língua em que se traduz a referida prática.</p>
2	Amiakare Apalai; Eduardo Alves Vasconcelos	<b><i>Levantamento Sociolinguístico na Aldeia Bona (Apalai)</i></b>
		<p>Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento sociolinguístico da Aldeia Bona (Apalai), localizada na Terra Indígena Parque do Tumucumaque, às margens do rio Paru de Leste, entre o Amapá e o norte do Pará. A aldeia Bona, aldeia é a central dos povos indígenas Aparai e Wayana e é aquela com maior população. Quanto ao uso das línguas na comunidade, são faladas, principalmente, duas línguas, Aparai e Wayana, pertencentes às etnias de mesmo nome. Por conta dos casamentos interétnicos, os falantes têm uma dupla origem – Aparai-Wayana ou Wayana-Aparai – esse contexto proporcionou situações de bilinguismo e multilinguismo na comunidade. Atualmente, a língua mais falada nas famílias, por diferentes faixas etárias e em várias situações de fala, é o Apalai. Já o Wayana, segunda língua mais falada na comunidade, está perdendo espaço, presente somente em algumas famílias. Além dessas duas, as outras línguas faladas na aldeia Bona são a língua Tiriyo, usada quando se precisa conversar com indivíduos da etnia Tiriyo, e Língua Portuguesa, usada quando a pessoa precisa conversar com não-indígena (Karaewa). Quanto ao ensino das línguas na aldeia, a escola ensina mais em Aparai e Português, muito pouco em Wayana e menos ainda em Tiriyo. Os professores indígenas da escola são falantes de Aparai, da etnia Wayana-Aparai ou Aparai-Wayana. Os materiais didáticos para ensino de língua indígenas Aparai, Wayana e Tiriyo são poucos; existem materiais para ensino de língua portuguesa e para outras disciplinas, mas estão em língua portuguesa. Este estudo se enquadra no âmbito da Sociolinguística, mais especificamente nas discussões sobre política e planejamento linguísticos, com base, principalmente, em Calvet (2002, 2007) e Maher (2007 e 2008). Tais discussões são inseridas em um contexto multilíngue, em que são faladas as línguas Aparai, Wayana, Tiriyo e Português.</p>



# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

No.	Autores	Título do trabalho
3	Cristina Borella	<b><i>Considerações sobre os Determinantes Definidos e Indefinidos na Língua Terena: uma Análise com Base na Semântica Formal</i></b>
		<p>O povo indígena Terena conta atualmente com uma população de aproximadamente 16 mil pessoas que vivem distribuídas em comunidades indígenas localizadas nos municípios de Campo Grande, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Miranda. A língua de mesma denominação pertence à família (ou tronco) Aruak. Embora haja análises/descrições linguísticas do Terena, estas são escassas e pontuais e, com relação aos determinantes definidos/indefinidos, seguem a proposta de Butler (2013). A autora considera que a classe dos determinantes definidos nesta língua é composta pelo artigo definido “ne” + demonstrativos “ra” ‘este/esta’ (perto do falante espacialmente e/ ou destaque no contexto do discurso) e “neko” ‘aquele/aquela’ (mais distante no tempo/ discurso). Uma vez que ‘ra’ e ‘neko’ possuem características lexicais, Butler analisa o artigo definido ‘ne’ como membro default do conjunto, sendo utilizado isoladamente quando o uso de ‘ra’, ou ‘neko’ não é apropriado. Por sua vez, a ausência das marcas de definido sinalizam sintagmas indefinidos. Entretanto, coleta de dados preliminares utilizando elicitación controlada apontam que a distribuição dos ‘artigos’ definidos e indefinidos em Terena não seguem estritamente a proposta de Butler, principalmente com relação ao artigo definido ‘ne’, deste modo, uma análise baseada na semântica formal pode elucidar a distribuição destes determinantes, sendo este, portanto, o objetivo desta apresentação. O uso dos artigos definidos/indefinidos em PB é tópico recorrente/obrigatório nas gramáticas pedagógicas/ normativas que são geralmente utilizadas no ambiente escolar indígena. O estudo semântico dos sintagmas nominais definidos/indefinidos do Terena pode gerar material pedagógico a ser utilizado em sala de aula, valorizando assim o uso/ descrição desta língua frente ao português. Este estudo pode ainda auxiliar os professores/estudantes terena a refletirem sobre sua língua, sem ter o português como parâmetro, tornando-os assim professores e estudantes pesquisadores e, quiçá, futuros linguistas.</p>
4	Marceline Guedes dos Santos	<b><i>O Estado da Arte das Línguas de Sinais Indígenas no Brasil: Estudos Desenvolvidos entre 1995-2021</i></b>
		<p>A linguística é a ciência responsável pelo estudo das línguas e, suas bases teóricas foram inteiramente desenvolvidas a partir de minuciosas investigações e análises das línguas orais. Em 1960 os estudos linguísticos ganharam uma nova modalidade de língua natural: o das línguas visuais espaciais ou línguas sinalizadas, que adquiriram status linguístico a partir dos estudos de Willian Stokoe (1960). Atualmente, registram-se três principais categorias de línguas de sinais: as nacionais, as nativas e as originais (QUADROS E LEITE, 2013). Dentro da categoria línguas sinalizadas originais, temos as línguas de sinais indígenas, usadas por indígenas surdos de diversas etnias e, que a depender de vários fatores como, número reduzido de sinalizantes, sinalizantes idosos e a falta de registro, poderão vir a sucumbir. No Brasil, pesquisas voltadas para os estudos e mapeamento das Línguas de sinais indígenas, tiveram início na década de 1990. Lucinda Ferreira-Brito (1995), foi a primeira linguista Brasileira a investigar e a coletar dados da então denominada Línguas de sinais Urubu Ka’apor Brasileira – (LSKB), hoje conhecida como Língua de sinais Ka’apor (GODOY, 2020). Desde então outras línguas de sinais indígenas começaram a ser investigadas, é o caso das Línguas de Sinais Paiter Suruí (LSPS), Língua de Sinais Kaingang (LSKA), Língua de Sinais Guarani-Kaiowá (LSGK), Língua Terena de Sinais (LTS) e Língua de Sinais Sateré Mauwé (LSSM). Com base nos estudos de Ferreira Brito (1995); Quadros (2019), Quadros e Leite (2013), Quadros e Silva (2017), Godoy (2019), Gomes e Vilhalva (2021), esta pesquisa exploratória bibliográfica do tipo estado da arte, ainda em andamento, tem por finalidade apresentar dados preliminares de estudos produzidos entre 1995-2021 com informações de cunho educacional, cultural e linguístico de todas as línguas de sinais indígenas existentes no Brasil, , bem</p>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

No.	Autores	Título do trabalho
		como, apontar eventuais lacunas e necessidades relacionadas ao registro e manutenção das línguas de sinais indígenas.
5	Deywela Thayssa Xavier da Silva; Roisdael C. Garay	<b><i>A Arte Verbal Warao: Documentação de Narrativas Cosmológicas</i></b>
		A presente pesquisa visa iniciar a documentação de narrativas orais da cosmologia Warao, com vistas a contribuir com a manutenção e divulgação da língua e da cultura do referido povo. Os Warao são uma etnia indígena da Venezuela, e atualmente por conta da intensa migração encontram-se espalhados por várias regiões do Brasil. Os Warao são falantes da língua homônima, pertencente a uma família linguística isolada. Nesse contexto de migração e estabelecimento dos Warao em Belém, muitos estão aprendendo a falar português, e esse processo está colocando a vitalidade de sua língua materna em ameaça, uma vez que a transmissão intergeracional da língua está sendo baixa, pois muitos povos indígenas acreditam que ao aprender ler, falar e escrever em uma língua dominante estão se libertando do estigma de “incultos” e “incivilizados”. Dessa forma, acreditamos que ações de documentação de práticas linguísticas como as narrativas cosmológicas, contribuem para o fortalecimento das línguas, uma vez que o trabalho com narrativas envolve além de questões culturais o uso da língua. A fundamentação teórica deste trabalho ancora-se em estudos antropológicos sobre os Warao realizados pela ACNUR (2022), em discussões sobre tradições orais de línguas indígenas de Ferreira (2013), em estudos sobre a arte verbal indígena de Storto (2019) e em estudos sobre o sistema de gêneros orais dos Warao de (Herrman (2006). A pesquisa é qualitativa de cunho etnográfico, e segue todos os procedimentos das pesquisas de documentação linguística, que envolve um corpus formado por anotações, filmagens e/ou gravações, e tanto na obtenção do corpus quanto na análise pressupõe a colaboração da comunidade. A pesquisa está em andamento, e como resultado pretendemos contribuir para a preservação da língua, bem como demonstrar que o sistema de gêneros orais Warao é um sistema complexo que abarca diferentes formas de organizar, pensar e explicar o mundo.
6	Edilson Pinheiro da Costa; Gessiane Lobato Picanço	<b><i>Estudo dos Classificadores Nominais em Mundurukú (Tupi)</i></b>
		Este trabalho tem como objeto de estudo os classificadores nominais da língua Mundurukú, língua da família de mesmo nome, tronco Tupi. Os classificadores são raízes de natureza nominal. Semanticamente, são nomes usados de forma metafórica (MARTINES, 2007); e, morfossintaticamente, relacionam-se com outros itens lexicais de natureza também nominal à esquerda (como numerais e demonstrativos) e incorporam-se à direita nos verbos (COMODO, 1981; CROFTS, 1985/2004; GOMES, 2009). A partir de uma revisão dos trabalhos disponíveis sobre o assunto, o objetivo da presente pesquisa é ampliar a discussão acerca do sistema de classificação do Mundurukú, uma vez que há muitas generalizações. Novas análises também são realizadas. Os trabalhos disponíveis apresentam contribuições importantes, mas que não trazem uma diversidade de exemplos, o que impede, por exemplo, que se defina, na medida do possível, um conjunto de classificadores. Nesse sentido, tentamos estabelecer tal conjunto – aparentemente 11 classificadores –; verificar a pertinência de um critério fonológico para estabelecer uma raiz nominal como classificadora – ser monossílabo –; e testar o maior número possível de raízes nominais que aparentemente são classificadoras para confirmar ou refutar tal afirmação. Tentamos, por fim, resolver uma questão morfológica dos classificadores: nome+classificador (o que se chama por nome classificado) forma um nome ou um sintagma nominal? Comodo (1981) e Crofts (1985/2004) argumentam a favor da primeira hipótese, enquanto Gomes (2006; 2009) argumenta a favor da segunda.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

No.	Autores	Título do trabalho
7	Lorram Tyson dos S. Araújo	<i>Contribuições ao Estudo das Vogais do Proto-Juruna (Tupí)</i>
		<p>Este estudo compreende uma investigação, em andamento, do inventário vocálico da língua ancestral da família Juruna, o Proto-Juruna. A família Juruna (Tupí) é constituída das línguas Juruna, Xipáya e da extinta Manitsawá. O ramo Juruna, em termos diacrônicos, conta com propostas de reconstrução fonológica para as consoantes desenvolvida por Fargetti &amp; Rodrigues (2008); conta com uma releitura dessa primeira proposta, feita por O. de Carvalho (2019), o qual apresenta reavaliações e hipóteses alternativas, com especial atenção para as oclusivas orais; e, mais recentemente, uma primeira investigação para as vogais do Proto-Juruna, implementadas também por Fargetti &amp; Rodrigues (2021). Esta pesquisa, igualmente em torno das vogais do Proto-Juruna, diferencia-se das autoras supracitadas por ser uma proposta de reconstrução que busca ainda mais de perto a aplicação da metodologia da Linguística Histórico-Comparativa (CAMPBELL, 1999), bem como por apresentar propostas para as vogais orais e nasais. Assim, tem-se aqui uma investigação em favor da reconstrução das vogais orais *i, *e, *i, *a, *u, e uma proposta parcial para as nasais *ã, *ũ, as únicas propriamente constatadas até o momento. O corpus deste estudo teve por base os trabalhos mencionados acima, sobretudo grande parte da lista de cognatos que consta em Fargetti &amp; Rodrigues (2008), bem como dados que vêm compondo uma lista de vocabulário básico Xipayá/Juruna (a partir de FARGETTI, 1992; 2001; RODRIGUES, 1995; STEINEN 1886: 360-361).</p>
8	Guilherme A. D. Borges	<i>Análise dos Verbos Leves em Paumarí</i>
		<p>Este trabalho buscou estudar e analisar as estruturas verbais hi e ni da língua indígena Paumarí (família Arawa) descritas como auxiliares pelos missionários e pesquisadores do Summer Institute of Linguistics (SIL) (CHAPMAN &amp; DERBYSHIRE, 1991). Foi proposto que tais estruturas não poderiam ser classificadas em suas ocorrências como auxiliares, por possuir a capacidade de manipular a estrutura argumental. Esses verbos ocorrem como verbos plenos e em estruturas complexas, este último caso, tomando um complemento nominal ou sentencial, podendo assim serem chamadas de Construções de Verbos Leves (CVLs). Para a análise, utilizou-se do aporte teórico do modelo de gramática da Morfologia Distribuída (MD), que propõe que a sintaxe ocorre em todos os níveis da derivação, inclusive na estrutura interna das palavras, por meio de operações sintáticas já conhecidas, como concatenar, mover e copiar. O modelo propõe ainda a inserção tardia e a subespecificação dos itens de vocabulário. (MARANTZ, 1997). Resultou-se assim que as construções chamadas de auxiliares em Paumarí foram reclassificadas como Verbos leves utilizando as ferramentas construcionistas da Gramática Gerativa. O intuito deste trabalho, por um lado, é o de contribuir para as teorias linguísticas de cunho formalista. Por outro lado, procurou-se levantar novas reflexões e estudos sobre a língua em questão. Com estas reflexões, buscou-se dar um destaque para o povo Paumarí, cuja cultura e língua por tanto tempo foram deixados de lado por governantes, tendo apenas a atenção de grupos missionários por anos. Procura-se assim, evidenciar a riqueza cultural e língua Paumarí, na criação de um registro que possa exercer um importante papel na manutenção e conservação da língua, além de demonstrar a riqueza sintática e morfológica do Paumarí. CHAPMAN, S. &amp; DERBYSHIRE, D. Paumarí. In: Derbyshire e Pullum (orgs.), Handbook of Amazonian Languages. Berlim, Mouton de Gruyter, 1991. MARANTZ, A. No scape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics.v.4. 1997.</p>

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL

## VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

- | No. | Autores  | Título do trabalho   |
|-----|--|--|
| 9   | Rogério Vicente Ferreira   | <i>A Valência Verbal na Língua Matis</i>   |
|     | <p>O presente trabalho procurar apresentar o funcionamento da mudança de valência verbal em uma língua indígena brasileira, a saber, a língua Matis. Esta língua pertence à família linguística Pano, seus falantes habitam o noroeste amazônico. As línguas dessa família ainda não possuem uma descrição linguística ampla por parte dos pesquisadores brasileiros. A língua Matis possui a ordem sintática é SOV e o sistema ergativo/absolutiva, isto é, os argumentos verbais recebem uma marca morfológica dependendo do tipo de verbo, o argumento A (agente) de verbo transitivo recebe uma marca morfológica ergativa -n ~ -ën e o objeto não é marcado (•). No entanto, quando a valência do verbo é alterada, tal marcador desaparece, funcionando como S (sujeito) de verbo intransitivos. Essa é uma das formas de se observar a mudança de valência nesta língua. Pode-se verificar que a mudança de valência é muito comum nas línguas da família Pano. Os principais morfemas que afetam o verbo na língua Matis são: os morfemas reflexivo, recíproco e antipassivo, que tornam os verbos em intransitivos, também há os morfemas transitivadores e os aplicativos, que aumentam a valência verbal. Ignácio (2005, p. 92) observa por valência: “se entende a relação entre o verbo e os constituintes obrigatórios na organização da oração. Dessa forma, além dos complementos tradicionais (Objetos), incluem-se os chamados complementos circunstanciais (de tempo, lugar etc.) e o próprio Sujeito. Por outro lado, enquanto a regência e a transitividade se restringem ao nível das relações sintáticas, a valência abrange também o nível semântico.” Assim, o trabalho busca apresentar os condicionamentos de detransitivização ou de transitivização nos verbos da língua Matis, levando em consideração aspectos morfossintáticos e semânticos. Esta reflexão vem ao encontro de compreender o funcionamento da valência em uma das línguas da família Pano, colaborando para um posterior estudo tipológico dessa família linguística.</p> |  |
| 10  | Ingrid Moraes de Moraes Lira   | <i>A Produtividade dos Sufixos -re e -ti em Línguas Jê</i>   |
|     | <p>De acordo com Genetti (2014), os morfemas de uma língua são combinados geralmente com várias palavras do idioma, mas há, muitas vezes, diferenças no significado, ainda que sutis. O presente trabalho tem por objetivo analisar e descrever o emprego dos sufixos -re e -ti em línguas Jê, especificamente, as línguas Parkatêjê, Apaniekrá, Pikobjê e Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê), com vistas a averiguar semelhanças e disparidades quanto ao uso desses sufixos nessas línguas. Para a realização deste estudo, procedeu-se à análise comparativa de dados de trabalhos como os de Araújo (1989), Ferreira (2003), Alves (2004), Amado (2004), Miranda (2014) e Lira (2020), que apresentam descrições das línguas Jê supracitadas. Os resultados obtidos demonstram que os sufixos -re e -ti apresentam significativa produtividade em línguas Jê e são empregados junto às raízes de palavras para indicar o aumentativo e diminutivo dos nomes, marcar ênfase em verbos estativos e adjetivos, bem como indicar grau de parentesco, quantidade, estado de um determinado elemento (gasoso, líquido e sólido) e, ainda, coletivizar nomes. Além disso, observou-se que a funcionalidade de tais sufixos nas línguas Jê é bastante semelhante.</p>   |  |
| 11  | Hyago Luis da Silva Santos;<br>Antônia Alves Pereira   | <i>Plano de Trabalho para Marcação de Caso e Funções Sintáticas Nucleares em Asurini do Xingu e em Kamaiurá: Um Estudo Comparativo</i> |
|     | <p>O presente trabalho visa comparar o sistema de marcação de caso em Asurini do Xingu com aquele do Kamaiurá, verificando as similaridades e as diferenças entre os dois sistemas. Para isso, os métodos utilizados para que a comparação seja feita serão conforme Payne (1997) prevê. Além disso, para chegar aos resultados satisfatórios, serão realizadas diversas leituras relevantes para o estudo com o intuito de embasar as comparações e os conhecimentos pertinentes para tal. Dessa forma, o estudo servirá para</p>   |  |

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL VEVA ≈ LÍNGUA ≈ VIVA

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2022 – BELÉM / PA

## No. Autores

## Título do trabalho

fundamentar estudos históricos-comparativos e possibilitará a criação de banco de dados, dicionários ou materiais didáticos. O trabalho de um modo geral contribui para o conhecimento e variedade linguísticas, podendo servir para corroborar ou refutar ideias tipologicamente já bem definidas acerca da marcação de caso nas línguas do mundo.

- 12 André Djeoromitxí; Ivan Rocha ***Documentação e Fortalecimento da Língua Djeoromitxí: Questões Metodológicas e Produção de Recursos Multimídia***

Vamos discutir a proposta de documentação, revitalização e fortalecimento da língua Djeoromitxí dentro da interface da documentação e revitalização de línguas, a partir do projeto de documentação da língua que será financiado pelo Endangered Languages Documentation Programme. O projeto busca elaborar um acervo multimídia de cerca de 50 horas de material linguístico e cultural. Fazer a conexão documentação e revitalização será importante para a empreitada de fortalecimento da língua, de modo que a atividade seja pensada e focada na revitalização para produzir e registrar materiais não apenas para salvaguardá-los, mas para reutilizá-los para promover o uso da língua na comunidade e facilitar a elaboração de materiais didáticos e paradidáticos. Vamos abordar ainda as propostas metodológicas de base comunitárias e não-comunitárias, de modo a buscar uma interlocução das iniciativas propriamente comunitárias (bottom-up ou de baixo para cima) e de iniciativas externas (top-down ou de cima para baixo) com o objetivo de gerar corpora multimídia e multifuncionais capazes de serem usados para fins educacionais, de fortalecimento e de preservação da língua. Especificamente vamos apresentar a proposta de criação de um material multimídia (dicionário e enciclopédia digital). O dicionário contará com aproximadamente 2 mil ou mais entradas com mídias de pronúncia de palavras e exemplos de uso. A enciclopédia digital contará com cerca de 10 horas de textos transcritos em Djeoromitxí com seus respectivos vídeos. O material linguístico e cultural que alimentará esses recursos multimídia serão extraídos dos resultados da documentação. A língua Djeoromitxí (da família Jabuti, Macro-Jê) está severamente ameaçada, visto que apenas cerca de 35 pessoas são falantes. A população de cerca de 160 pessoas vive no estado de Rondônia, nas T.I. Rio Guaporé e T.I. Rio Branco. Embora a língua tenha pouca descrição linguística, já conta com um sistema ortográfico bem estabelecido e criado por uma linguista e três membros da comunidade.

### Realização:



**ABRALIN**

Associação Brasileira  
de Linguística

### Patrocínio:



**CIPL**



**PROPESP**  
Pró-Reitoria de Pesquisa  
e Pós-Graduação | UFFPA